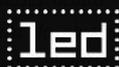




# corpafeto

Alicia Teodoro  
Camila de Oliveira  
Wagner Moreira  
Wemerson Felipe Gomes  
Orgs.





corpafeto



# corpafeto

Alicia Teodoro  
Camila de Oliveira  
Wagner Moreira  
Wemerson Felipe Gomes  
Orgs.



ADRIANA VERSIANI

C O R P A F E T O

## SONETO #1

ADRIANA VERSIANI

---

Lado cáustico do verbo arde dentro  
Chuva, som que escorre pela calha  
Astrolábio é palavra ou instrumento?  
Simum, sopro quente, o vento fala

Ave de rapina, caboclo, caboré  
Bogari com flores perfumadas  
Tudo existindo enquanto nada  
Nada antes da palavra é o que é

Não sou construção obediente  
Confesso deitada no divã  
Antes de ser sempre fui gente

Solitária experimento essa viagem  
Língua morta é peça de antiquário  
Fogueira acesa faz de mim minha linhagem

## SONETO #2

ADRIANA VERSIANI

---

Poeira de concha para cobrir minha escrita  
Xantungue do oriente seca essa ferida  
Mandacaru florescendo lá na serra  
É sinal que a chuva chega nesta terra

Jerinquixá traz a seda do oriente  
Esperança de riqueza vem pra cá  
Morte cheira como sumo de semente  
Que depois de macerada já não há

Areiro do areento arenoso  
Caatinga cumaru chá de hortelã  
Mantra profundo, búzio, chão venturoso

Clareza, pó de minério, imã  
Mistério enterrado aos pés do jatobá  
Como alimento para esse chão há de voltar.

Quebraram-lhe as pernas  
Serraram-lhe os ossos  
Mergulharam seu couro  
em líquido ácido  
Aguilhado por ponta metálica,  
como a roda do carro,  
Ainda chia:  
Êêêêê boooooi

## SONHO

ADRIANA VERSIANI

---

Quando dormiam  
Nos idos de março  
Os gregos antigos  
Cerravam as pálpebras  
Para o fogo do mundo  
E as chamas de dentro  
Acendiam sargaços  
Quando dormiam  
Era assim que sonhavam  
Os gregos antigos  
Nos idos de março

Calotas polares  
guardam  
memória gelada da Terra

Passam-se os anos  
sol de inverno  
ouço barulho nos canos

E uma cratera no asfalto  
desterra  
nossos segredos cotidianos

ALBA DURÃES

C O R P A F E T O

ela nasceu queda de água  
ele, orvalho.  
gastaram desejo  
um em ser o outro  
e vice-versa,  
querendo ser nascente  
e inundar cidades.  
em vão.  
não se foge do que se é.

quem nasceu borboleta  
jamais será hipopótamo.

as cores de uma asa  
camuflam-se em leveza.  
a paquidérmica pele, o susto.

o frágil se desfaz feito nuvem passageira.  
o impenetrável-quase afugenta.

a beleza do permanecer ou desfazer-se  
deveria jamais ser comparável.

água ar éter fogo terra  
são os elementos clássicos.  
sou isso e contemporânea –  
tenho toc.  
mais! sou intensa,  
tenho cot.

ALÍCIA TEODORO

C O R P A F E T O

Os olhos atentos observam  
gotas de chuva entrarem  
pela janela entreaberta  
aromas de folhas e terra molhada  
corpos dançam por entre lençóis  
a música das telhas invade os ouvidos  
orquestra anuncia manhã melancólica  
brisa leve envolve o corpo quente  
esfriando planos para um dia produtivo

Respiro sua ausência  
deixo-me infectar pelo aroma da saudade  
que exala por todo o ambiente  
úmido de tristeza  
devora-me pouco a pouco por dentro  
vejo uma fotografia nossa em cima da cômoda  
foi tirada numa época em que podíamos nos abraçar

\*\*\*

mal a gente sabia  
meses depois daquele dia  
um maldito vírus viria  
silenciar nossa alegria

Ainda bem que temos a poesia  
para aproximar-nos  
conecto meus versos aos teus  
e juntos provocamos aglomerações  
de sons, imagens e cores  
sensações múltiplas e sabores  
distancio-me do mundo  
infectado e triste  
para viver este momento  
instante prazer empolgante

Dissolvo-me em cada verso  
movimento suave em ondas lentas  
dispo-me em páginas um livro aberto  
movimento suave em ondas lentas  
Escrevo palavras te invoco pra perto  
movimento suave em ondas lentas  
a cidade declama o rito deserto  
movimentos suaves em ondas lentas

E agora por perto  
ligados por versos  
fugimos do certo

Movimentos suaves num mar aberto

ALZIRA ALICE SOUZA

C O R P A F E T O

Os segredos que habitam  
Meu ser, meu querer,  
Forjam desejos...  
Mas não tem calma,  
Tem vontade curiosa...  
De perseguir a luz  
Caminhar o caminho!  
Então vem o escuro calor  
Depois o êxtase!

A água desce pela cabeça,  
Banhando o corpo, como as pedras...  
Como o cheiro do verde,  
Como imagino tua boca...  
Como não te tenho, te imagino.  
Como não te tenho, te esqueço.  
Pensei que esquecia, mas ia e vinha,  
Nova vontade, que triste...  
Sem piedade.

O tempo te afasta  
Como coisa nefasta  
A horta da minha vida  
Está com a porta aberta,  
Então aduba, afoito!  
Une teu coração ao meu!  
O tempo te afasta,  
E a vontade passa!

## POEMA DA DISTÂNCIA

ALZIRA ALICE SOUZA

---

Ora...  
E se tiver uma montanha entre eles  
Ora...  
E se tiver um mar entre os outros  
Ora...  
E se tiver um céu entre os crédulos  
Ora...  
E se tiver um sol entre obreiros  
Ora...  
E se tiver uma galáxia entre nós  
Ora...  
Quer-me covarde ou herói?  
Eu serei os dois... em um...  
Ora...  
Não clame ... nade e atinja a outra margem  
A brisa vai alcançar sua sombra  
Ora...  
Telas, paredes, salão, corredores, o pé... e a mão  
Abraça teu coração e beija tua imaginação  
Ora...  
Ora bolas... se enrola  
Se viral, gripal ou casual...  
Ora...  
Ora bolas... se isola!

Mulher com alma de menina  
Menina com charme de mulher  
Se fosse do mar, seria a pequena sereia  
Se fosse do ar, seria bem-te-vi a indagar  
Pelas coisas da vida  
Se fosse da terra, seria crisólita  
Pelo sonho irradiando luz e destemor  
Está sempre a viajar, e segue,  
Nem sempre pronta para o amor ancorar  
Procura o dom  
As cores do mundo  
Os sons dos corações  
O rufar dos tambores das paixões  
Folha e fluída se vai, vagueando.

ANA CLARA MOLINA RAMOS

C O R P A F E T O

Stop!

Foi a vida que parou.

olhou

esperou

imperou

alterou

gerou

ignorou

Mudou?

## RECOMENDAÇÕES

ANA CLARA MOLINA RAMOS

---

Inserido no seu ambiente instável  
(o singular almo da residência)  
Ligo qual aparelho? – Paciência!  
Só pedimos para ser adaptável.

Mantenha o microfone desligado  
para não escutarem sua família.  
Não reclame de nada em demasia,  
tudo precisa ser avaliado!

Não peça para mudarem o horário  
porque você tem muito trabalho.  
Não pense em arrumar qualquer atalho,  
você deve seguir o itinerário.

Perguntam: como está o aprendizado?  
– Foi bem fácil me manter conectado.

# EPIFANIA DA EVOLUÇÃO

ANA CLARA MOLINA RAMOS

---

Contemplo o projeto:

Chuva x Enchente.

Contato x Lotação.

Visita x Trânsito.

Ar x Poluição.

Calor x Queimada.

Grama x Asfalto.

Animais x Zoológico.

Da pequena janela,  
contemplo o real:

Tudo se prende!

Tudo se perde!

Da pequena janela,  
contemplo o normal:

Falta humanidade!

## NA PRISÃO

ANA CLARA MOLINA RAMOS

---

Deitada no chão e no teto  
Desperto no tempo e espaço  
Entre objetos, eu dejeito  
– cadê liberdade? Faço.

Fragmentos tão fragmentados  
Sem nenhuma sanidade  
Todos aprisionados  
– Um prazer, Humanidade!

Mundo fatal da loucura  
Transformada arma em caneta  
Presas, leitura procura  
Curta, escrita-maçaneta

ANA ELISA RIBEIRO

C O R P A F E T O

após a cortina azul, não um céu azul  
: a grade que quadricula uma nesga  
de céu nuvem ameaça de chuva  
enquanto todos estão prestes a um  
choro convulsivo em suas salas de estar

animais presos atrás de portas chaveadas  
: o inimigo vem no ar  
nem adianta o amor  
que não é páreo para a natureza

após a cortina azul desbotado  
a faixa de muro e musgo  
a impedir a visão da rua  
onde também ninguém há

se vivem, estão no sofá  
ou pensando no que comer  
ou lavando as mãos obsessivamente  
até que a raiva se transmute em medo

atrás da cortina azul puída  
uma parte do mundo que se parece  
afinal com todo ele  
: onde erramos tanto?

inutilmente, cinco ou dez conhecidos  
publicam poemas em páginas abertas  
na esperança meio ingênua  
de guindar o medo e torná-lo  
efemeramente em serenidade

## LISTA DE DESFAZERES

ANA ELISA RIBEIRO

---

Três abraços: da avó,  
da mãe e do aluno,  
que também não virá  
enfrentar esta sala  
onde hoje, além das lêndas,  
habitam apenas nossas ausências.

Escolher maçãs e uvas  
no mercado da esquina  
à espera de encontrar  
algum paraíso entre as frutas.

Por ora, não iremos;  
e as frutas permanecerão  
sob a placa de *perigo*.

Evitar as mãos das pessoas,  
mesmo que pareça grosseiro;  
e as mãos são agora  
como flechas envenenadas.

Os beijos ficam  
para a próxima encarnação.

## TRADUÇÃO

PARA SÉRGIO KARAM E DENISE SALES

ANA ELISA RIBEIRO

---

A poeta toca com os dedos  
uma palavra  
em outra língua;  
toca com a língua  
outra palavra,  
quase a mesma.

Não é a mesma?  
É, ainda. Ou quase.  
E apenas se aproxima.

Um sentido travestido  
de outros sons:  
na captura impossível da rima.

ANA LUÍSA ALBUQUERQUE

C O R P A F E T O

Eu, que sempre me joguei de cabeça, agora me vejo com o pé atrás. Algo cresce em mim. Um desconforto que me toma a espontaneidade das coisas. Peso as palavras e não digo nada. Meço os movimentos e não faço nada. Penso demais. Pensar corrói. Sinto demais. Dói.

Chegou manso e foi ganhando espaço. Quando vi, já tava ali. Todo dia. Tinha a minha atenção e o meu sorriso. Fui boba. Acreditei em palavras. Palavras escondem intenções. Fingi que não percebi. Deu certo por um tempo. Depois doeu. Aquela dor que te faz não colocar a mão no fogo de novo. Não coloquei. Palavras escondem intenções. Não acredite nas minhas.

Chorei quando cortaram a árvore, mesmo sabendo que já não havia espaço para a raiz se firmar. Mesmo sabendo que apodrecia por dentro, que tombaria a qualquer momento. Chorei. Ainda existia a sombra, que guardava com carinho, daquilo que um dia foi. Agora, não mais.

É tudo muito simples. O crescimento é lento. Não se muda de uma hora para outra. Ainda há de florir e, quem sabe, render frutos. Também há de secar e cair ao chão. Não se preocupe, continuaremos crescendo. A vida é cíclica. A morte também. Nenhuma flor é em vão.

Remédio dos remédios, o tempo faz seu trabalho. Quando penso no passado, já não me dói mais. Deixo-me enganar pela memória afetiva, atrevida a relevar toda a nossa estupidez. Pior. A viver de nostalgia. Memória traiçoeira. Tanto quis te transformar em poema... Que toma aqui esta poesia.

ANA PAULA DACOTA

C O R P A F E T O

Há uma invisibilidade que me fortalece  
ainda que eu chore  
Convicta estou de pertencer ao meu lugar  
Se caio ou desmorono  
luzes de lembranças aquecem meu ser  
Enigmas precisam ser desvendados  
com desvelo  
Sou rosa que não precisa murchar  
Onde estamos quando chegamos lá?  
A casa vazia não é sempre uma alegria  
Para que precisamos tanto repousar?  
O dourado do entardecer banha o sonho  
de voar.

num retrato antigo  
a menina do passado que  
sonhava ser escritora que  
escrevia  
nas paredes  
que escrevia  
em todos os lugares me  
fita

se ela fosse Clarice  
escreveria nas paredes  
das casas das pessoas  
e achariam lindo como  
não é  
se escreve,  
pixa?

## UM COPO DE CLAUSTRO

ANA PAULA DACOTA

---

um copo de claustro  
pra segurar mais vida  
uma pérola que retorna  
ao interior da ostra  
dormita seu brilho  
vomita seu casulo  
bebe do seu muro  
até tomar consciência  
do grão de areia  
que é sua essência.

se queres adentrar  
meu jardim  
converta-se em criança  
ajoelhe-se na terra  
deite-se no chão  
olhe o mundo de  
baixo para cima  
rasteje junto às formigas  
observe-as entrando  
no subterrâneo  
onde a vida acontece  
depois vem cheirar  
as flores e lambar  
o orvalho que a noite  
deixou nas pétalas

④QUELA NUVEM DE DADOS QUE  
PASSA L④ EM CIMA SOU EU

ANA PAULA DACOTA

---

na er@ pós-pós modern@  
pesso@s chegam  
pessoas v@o  
por fibr@s ótic@s  
por ond@s  
muit@s sem étic@  
ninguém s@be seu nome  
só seu *nickn@me*  
nos dedos, dispositivos  
d@dos e m@is d@dos  
s@o cri@dos  
@rmazenados  
milh@res de cliques  
zilhões de bytes  
conect@dos  
tantos cont@tos  
sem cont@to  
diz?  
diz!  
diz...  
conect@dos  
&  
solit@rios  
*zzzzzzzzzz*

ANDRÉIA OLIVEIRA

C O R P A F E T O

Na labiríntica cidade  
girafas vermelhas  
invadem praças  
e a lagoa.

A diva loira  
entoa cânticos  
espalham-se sorrisos  
e flashes.

Pessoas atravessam ruas  
purpurina cai pôr-do-sol  
incendeia minh'alma.

Mito, rito  
um tiro  
O que será da diva?

Palavra

Palavra dada

talhada

Palavra gesto

professa

Palavra culta

pulsa

Palavra avulsa

flutua

Palavra vai

circula

volta

Palavra gira

brinca

corre

Palavra

Átimo cruel espalha  
lamento  
No abismo cresce  
húmus cinza  
“Os ombros não suportam o mundo”  
rogam ao Infinito  
Acalantai o espírito  
cada vez que se movem ausências.

# VOCÊ

ANDRÉIA OLIVEIRA

---

Você tão  
kamikaze  
absortamente sufocado  
em busca de si.

Você tão  
estimado  
se tem por ignorado.

Você  
tão unicamente  
Você.

Não vejo a diva, vejo poses e flashes,  
mas ela está ali certamente.  
E o acaso talvez possa acordar  
nos sentidos adormecidos a luz  
de ouro a flor de neve o som de seda o olor de alegria.

BEATRIZ APARECIDA

C O R P A F E T O

por trás das lentes desses óculos  
se esconde a música triste de João Gilberto  
cruzam-se no lócus memórias entrelaçadas com saudade  
almas casadas longe do universo e cada vez mais perto

sente-se o caminhar suave de um felino sobre a bruma  
na madrugada perdida entre céus e universos  
um casal baila entre as pedras como se fossem plumas  
e o espetáculo estelar encanta a mil olhos diversos

ode ao que não se vê  
dizem em “palmas! magnífico”  
o que as sereias dizem em canto

explode o que não se explica  
navega-se nos mares do prazer  
o que alguém lá deixa em pranto.

(A TRISTEZA NUNCA FOI  
PORTA DE ENTRADA)

BEATRIZ APARECIDA

---

poema tímido, secreto, ruim de propósito.  
falso\_sincero\_inexato\_um erro  
pede pra sair de vivomortoacordado  
pruma existência que só abre espaço-gueto

rimar faz sentido quando ninguém vê.  
as horas correm noite e nada escorre  
o medo da sombra que vejo embaçada  
performando tudo que eu não posso ser

o poema é um ímpeto do corpo.  
me ilha a mente, acorrenta o pé (e não sai)  
transe o chão peculiar das madrugadas  
em que eu erro a horadose de café

parar de sentir influências que eu não pedi.  
me corroem do nada, pega de surpresa, afogada  
tentando cortar sozinha no passado escuro  
raízes distantes que se esqueceriam de ir

amanhecer dualístico, traiçoeiro, imprevisível  
responde a noite ao esconder.  
levanta quente, seca o olho, pé frio  
nasce pra não se esquecer:

a insônia é o pesadelo de doentes  
da doença do a-auto a-alívio.

paro, em propósito súbito  
e me sento num banco da avenida amazonas  
chocada com o que vejo.

é a mesma cena que vi por anos  
e por alguns segundos  
me esqueci que está tudo  
vazio.

(não tem 33, nem 66, não tem rios de gente atravessando a praça 7)

mais súbito que o meu súbito, não tem nada  
nem mesmo banco, caí no chão.  
é claro que nunca tinha visto um banco  
nessa parte da avenida amazonas.  
andei por lá durante anos.

ano vai ano, um passou em branco  
e voltou cinza.  
as pessoas, como eu,  
desaprenderam a andar  
sem se confrontar com a vista  
andamos por lá, andei por lá, andai por vós.

e o ônibus me leva  
e eu levo o ônibus  
e ninguém sai do lugar.  
primeiro contato, destino marcado no papel pra não perder  
(recém-chegado tem que aprender)

as ruas da cidade me cortam em mil cruzamentos  
e sintomas de amor tomaram conta de uma eu pós-existente com luzes, ares e nenhum pudor.

como se esse rodar movesse engrenagens mais profundas

que meu peito:::

BERNARDO FALCÃO

C O R P A F E T O

Vós, amáveis Serras Gaúchas, vós, cidades do Sul  
Planícies alagadas do Pantanal, imensa Floresta Amazônica  
Vós ficareis.  
Falésias multicores do Nordeste, cerrados devastados de Goiás  
E vós, cidades vermelhas de Minas Gerais,  
atravessadas por estradas de ferro  
Por que não deveis ficar?  
Também tu, São Paulo feita de muitas cidades  
Laboriosa sob e acima do asfalto, podes ficar, e vós  
Portos fluminenses, vós, cidades fervilhantes  
Do sudeste, vós ficareis, e vós, cidades desflorestadas  
Cobertas de soja, a olhar para o leste ficareis também  
Apenas a escória de militares e políticos conservadores  
Apenas os milionários e especuladores  
Apenas os latifundiários e exploradores devem desaparecer.  
Céu e Terra juntamente com tudo que foi realizado pelo homem  
Podem ficar, mas  
A corja dos corruptos da nação, isto  
ficar não pode não.

Uma manhã nublada e fresca de outono com folhas secas espalhadas pelo chão. A tarde parece mais longa e traz um tom avermelhado que atravessa a janela da sala. E no fim do dia, a despedida da luz do sol prenuncia a noite de céu anil. A união das cores do outono com o seu cheiro suave e o som doce da sua voz eterniza esse momento. A felicidade invade o meu ser, porque você está deitada ao meu lado com o sorriso emoldurado pelo rosto delicado. Talvez o AMOR tenha sido evidenciado pelo mistério do outono, naquele dia perfeito que ficará guardado no centro das saudosas memórias que são mais preciosas do que o pote de ouro no fim do arco-íris de sete cores, enfeitando essa estação do ano.

## ESCONDE-ESCONDE

BERNARDO FALCÃO

---

Onde o AMOR se escondia? Seria nos desencontros da vida? Em nós, o AMOR nasce, renasce e se aconchega; pois, quando descobrimos que tudo o que sentimos tem nome, abandonamos o medo que paralisa e abraçamos esse sentimento até a eternidade.

CAMILA DIÓ

C O R P A F E T O

Todo dia a vida recomeça  
e à noite jantamos a travessa  
da pequena odisséia cotidiana  
que a tarde depressa cozinhou.

Como tudo, limpo o prato.  
Canibal devoro o dia num  
assassinato.

Somos feitos da poeira das horas  
e amanhã, outra narrativa:  
O hoje vira outrora!

Sabei-o, é nas areias que o tempo  
já levou, que moram todas as  
histórias.

Subir ladeira/descer ladeira  
é a saga do mineiro  
em dia de descanso  
ou de feira, segunda-feira  
é o dono do morro  
está sempre na beira

o mineiro diz que tudo  
é pertim, mentira! Em Minas  
e seus morros, eu mineira subindo  
que o diga:– Eu morro!

E mineiro que é mineiro  
tem a batata da perna firme  
malhada na colina  
e dor só na coluna  
sente, até o jovem que se apruma  
num dia longo de pura  
– em pé, sentado, dormindo e de lado  
má postura.

Em casa de mineiro não falta  
um cafezim, passado de manhã  
ou também à tarde, quando manhã  
já é passado, se você chega ou  
é convidado.

Os bares de Minas estão sempre  
cheios, é bar que não acaba mais  
e todos conhecem um boca de gole  
que fica tonto, mas cair, jamais!

Minas tem o melhor queijo  
isso é indiscutível  
Para toda Minas: Um grande beijo!

Estado indescritível  
e mesmo que eu o tente  
com alguns versinhos  
insuficientes  
Do pouco não duvidem!  
Poeta não mente!

Desejo que a divindade ao seu lado  
te aninhe nos braços e nine,  
cante para você num sussurro  
uma canção docemente e  
que te traga a paz que você merece.

Que ela toque seus cabelos  
lhe afagando, que te balance  
no colo, num vem e vai lento  
dissipando toda a sua dor  
e que você durma em paz.

Queria acima de tudo, antes de tudo  
que você tivesse tido todo o amor  
que merecia  
que tivesse a mínima quantidade de amor  
suficiente e capaz de salvá-la.

Queria que você não sofresse em silêncio,  
que suas angústias palpitassem em todos  
e que todos sentissem sua tristeza solitária  
e secreta, repletos de empatia.

Que algo ou alguém fosse capaz de te ajudar  
a superar o seu martírio.

Que fosse hábil ou que lhe dessem a habilidade  
de enfrentar os dragões  
que a vida lhe deu para combater.

Queria eu ter podido recolher  
todas as lágrimas que chorou escondida  
ou se obrigou a reprimir  
e transformá-las em um elixir especial para  
molhar sua fronte lívida,  
numa tentativa de trazê-la de volta.

Queria que o mundo fosse um lugar melhor para você  
Queria que a vida fosse minimamente tolerável para você  
Queria que as pessoas e eu tivéssemos  
tido mais consideração por você.  
Queria ter uma fotografia de nós duas sorrindo, num porta  
retrato sobre o meu rack e que eu tivesse a capacidade  
de olhar para ela sem verter todas as lágrimas do mundo  
numa quantidade que só não seria maior  
do que as que você chorou sozinha.

O poeta deixa migalhas  
por onde passa

Talvez  
como João e Maria  
numa tentativa  
de encontrar um caminho  
de volta, talvez sem volta  
re-volta.

Migalhas das quais os  
pássaros se servem.  
Na floresta das coisas  
não ditas, mas ocultas  
nos meandros das palavras.

Talvez não sejam migalhas  
e sim pistas  
talvez não pistas  
e sim rastros  
Talvez não rastros  
e sim deslizos  
talvez não deslizos  
pois o caminho é bom  
mas áspero

Pois quem é que dita  
as regras? eu é que não!

Então talvez seja tudo isso  
e mais um pouco, talvez menos!

talvez poeta não tenha juízo  
e sim inspiração  
talvez não inspiração  
e sim erudição  
talvez não erudição  
e sim clarividência  
talvez não clarividência  
e sim loucura  
talvez não loucura  
e sim dor ou cura

Talvez seja tudo isso e  
mais um pouco, talvez menos!

Talvez um dia terei as  
respostas na ponta da língua  
que darão um salto mortal  
da boca para o mundo.

Mortal, sim senhor, mortal mesmo.  
Pois sem um pouco de mistério,  
não estaria morta a poesia?

Queria ter o dedo verde  
para no verão plantar laranja  
pra matar a sede!  
Mesmo não o tendo,  
ainda tenho algo de planta,  
Sei das minhas raízes:  
Debaixo de minha  
folhosa franja  
carrego as cicatrizes.

CAROLINA SILVA

C O R P A F E T O

Olho-me no espelho  
Minha visão fica turva  
E em um doce devaneio  
Imagino o que eu poderia ser,  
O que eu poderia ter,  
O que eu poderia conquistar.  
Mas... o que realmente vejo  
São olhos fundos e ombros cansados,  
Cansados do peso do mundo

Por que escrever me deixa tão ansiosa?  
Não ousaria ter um diário,  
Pois seria demasiado egocêntrico.  
Não ousaria compor uma canção,  
Pois nada sei de amor e assuntos do coração.  
Então o que resta é me anestésiar em histórias alheias,  
Inventadas...  
É o único tipo de droga que experimentei e ousei me viciar.  
Ao passar as páginas ou observar as cenas  
Entorpeço minha mente  
E vivencio um misto de emoções  
Sentidas pelo ser que tangencia a realidade e a ficção  
Torço para não me identificar  
Com o ser espelhado  
Pois, assim que o livro se fechar  
Ou a tela se apagar;  
Um enorme vazio tomará conta do pouco que restou de mim.

O que sou agora?  
Enxergo através de outros olhos  
Através de uma tela  
Através de uma página  
Será que sou real?  
Ou sou apenas um eco  
daqueles aos quais enxergo?

DALVA SILVEIRA

C O R P A F E T O

Acordo!  
Ainda é madrugada...  
olho para a vidraça:  
a BR já está cheia...  
porque os Homens correm,  
se um dia ficarão parados?  
Desperto!

Olho para o céu:  
vejo uma linda lua  
e uma enorme estrela  
Volto para a cama  
e sonho que sou eterna,  
só para ver o brilho  
desta última cena!

## ALMOÇO EM CASA

DALVA SILVEIRA

---

Num almoço  
com sabor  
de amor  
O brócolis é uma árvore  
Sento à sombra  
Sinto uma brisa  
Com(o) o peixe entre  
tomates e cebolas,  
que mais parecem flores  
no gramado verde  
de salsinha  
A batata é sempre doce,  
e a alface, esta  
me enche de esperança!  
Volto a ser criança  
A língua nos lábios  
O sorriso nos dentes  
Me sinto gente!  
Comi tudo!  
E repeti,  
e repeti...

A velhice e a infância  
São duas idades bonitas!  
Nascemos com a inocência  
Buscamos a sabedoria...  
O que fazer com o embrulho?  
Abrir o laço de fita!

A aurora é o grande presente  
Ainda estamos em casa  
O poente é fruto da estrada,  
de insistente vigília  
de plantar sementes  
de criar várias famílias!

Eu quero experimentar todos os sabores  
Enxergar todas as cores  
Extraír o que for bom até nas dores  
E depois de atravessar todas as pontes  
Quero ser digna de todas as flores!

Saí de casa  
Quanta tristeza...  
Nas caras dos mascarados  
Que não podem ser abraçados  
Tá aí um clima de frieza...

Vi olhos amedrontados  
Alguns loucos!  
E poucos tentando sorrir!  
Será que sentem vontade  
De beijar... os pais...  
Antes que eles possam partir?

Penso: onde isso vai parar?  
Dá desespero!  
Terrível sensação!  
Sem ação, volto para o lar:  
Escrever como salvação?

Fecho os olhos  
Navego, sou barco à deriva  
Nas asas da Recordação  
Viagens, encontros, festas  
Passa um mar e com ele a imensidão...

Abro os olhos molhados  
Estou no quarto,  
Num trabalho de parto,  
Expulso a dor ou me infarto!  
Acordo e estou viva!  
Ainda há tempo para a poesia!

Para sonhar...

Coronavírus  
Quantas questões!  
Quase chego à exaustão!  
São tantos objetos, projetos,  
Que perderam a razão...

“Fique em casa!”  
Essa é a ordem em todos os cantos!  
Quanta coisa da noite para o dia está ociosa?  
O que nos resta? Somente prantos...

Tudo é dúvida, estou no ar...  
Só com o tempo  
Talvez, ou nunca, iremos acordar...  
Só resta nos cuidar...  
Já que o povo nunca existiu para os marajás

Então, enfeitei meu lar  
E, apesar do *home office* exaustivo  
A me incomodar,  
Às vezes paro para rimar

Passarinho, borboleta, arco-íris,  
Flor e mar  
Qualquer imagem, viagem...  
Que possa me libertar  
Dessa dor de pensar!

DENILSON SILVA

C O R P A F E T O

## SOBRE A DENSIDADE DAS NUVENS

DENILSON SILVA

---

À beira do abismo,  
cataclismo epidêmico.  
Mãos distantes rogam  
e revelam segredos.  
Não se tem o amanhã,  
o outono já passou  
e do agora só resta  
o inclemente ponteiro.  
O que faz a queda  
com o pulso do corpo  
do próprio oleiro  
da rocha de pouso?  
Entre paredes severas  
posso ainda entalhar,  
vencendo a ferrugem, janelas de sol.  
São vivas pálpebras  
tateando rostos,  
improvável nitidez,  
mergulhada em nevoeiro.

Com histórias inglórias,  
ergue-se um Olimpo.

Fomes, batalhas homéricas,  
acumulam martírios.

Em tempos sempre instáveis,  
versos, cantos, absinto

e vãs promessas estoicas,  
não dizem o que sinto.

Há virtudes memoráveis,  
fartos campos de trigo.

E peçonhas compulsórias,  
por torturantes caminhos.

Há pessoas libertárias,  
guilhotina de fascismos.

E tradições inesquecíveis,  
línguas, lábios anímicos.

Em quarentenas diaspóricas  
viajo, desde o princípio.

Heterônimos maleáveis,  
completamente, finjo.

Veredas, cortinas feéricas  
com fibras de realismo

ou lavoura antimetafórica,  
braços, arados líricos.

Sopra a balança babélica:  
Pasárgada  
ou poeta  
maldito.

Coisa desajeitada  
sem nome me acomete  
vez toda que respiro  
as ruínas de um colégio  
convertido em mata atlântica.  
Um monumento maia  
pelo som de pássaros engolido  
na distante Yucatán  
com suas sombras coloridas  
sedimentos, escadarias, painéis, frisos.  
Sou também musgo, barro, folha das alturas  
adormecendo entre minérios e mistérios,  
mil adagas ainda fulgentes  
sob o pesado silêncio de tantos sonhos e vivo  
desejo de comunicação.  
Em sua solidez decadente o colégio renasce.  
Desamparo e vibração fustigam desavisados.

## GLOSSÁRIO

DENILSON SILVA

---

### AMAZÔNIA

Verde seda em chamas,  
vozes de fumaça, exílios.  
Terra, seres, estrelas,  
espadas de sal pelos cílios.

### MILÍCIA

Bárbara civilização  
observa obscena  
de seus palácios moralistas  
despenhadeiros de fogo.

### MISOGINIA

Desde tempos míticos,  
cabe a uma das partes  
tabus da costela, que nasce  
com as máscaras fálicas da tribo.

**RACISMO**

Melanina, morfologias  
estruturam visões, versões d'aversão  
e tudo resseca, tudo divide, tudo cega  
rúbeo oceano, *outros e nós*

**TEMPO**

Por enquanto,  
ainda nascem crianças  
e morrem tiranos.  
O destino das águas  
é irrefreável.  
Entre duros punhais  
vai uma flor, navegando.

Que venham a ceifa e a tempestade,  
mas serenamente, sem causar alarde.

As horas cultivem olhares, orvalhos,  
leves fios aéreos, mais que grisalhos.

Reverbere a linguagem o âmago do ser  
nos pequenos mistérios do não saber.

E que se faça luz no mormaço da selva,  
mas sem ofuscar outras cores abertas.

EDILAINE DE TOLEDO

C O R P A F E T O

## PINTURA DO AMANHÃ

EDILAINE DE TOLEDO

---

Nas cores do presente,  
Eu desenho o que ainda não veio,  
O que ainda não construí,  
O que jamais vivi.

Na imagem que a mente cria,  
Surge o retrato que se espera  
De um hoje bem vivido,  
De um ontem bem lembrado.

Com a tela da esperança  
E o pincel da ousadia,  
Eu invento o que anseio  
E recrio o que aprecio.

E neste emaranhado colorido,  
Ainda que quase desconhecido,  
No rascunho da arte da vida,  
Surgirá minha obra-prima...

O espelho me encara...  
E mostra, além de mim,  
que meu tempo tem mais valor quando estou presente nele,  
que enxergar bem é ver com os olhos da alma,  
e que meu reflexo nele não é, de fato, quem sou em essência;  
e que se ver, de verdade, vai além de encará-lo diariamente...  
Aliás, nenhum de nós tem ainda a profunda coragem de se olhar e se reconhecer, sem medo ou  
insegurança, sem expectativa ou qualquer esperança, do que outrem pode achar ou julgar...  
Quisera eu ter a desprendida lucidez que um espelho em seu estado estático  
nos projeta quando reflete a imagem que julgamos ser nossa...  
E assim liberar essa coragem nata que adormece em nós de nos vermos por quem somos, sem  
filtros...

Bate... Pulsa... Bate... Pulsa...  
Marca meu compasso.

Anda... Pisa... Anda... Pisa...  
E cadencia meu passo.

Não passo meu passo num passo descompassado:  
Passo apressado desmarca o traçado,  
E meu passo pausado encanta e suaviza o compasso...

Meu coração só pulsa transpassando o passar  
Dos meus compassos!

Porque, assim, ele sempre marca meu passo  
Enquanto eu com ele pulsar...

Em mim,  
Em ti,  
Em nós...  
Daqui,  
Dali,  
Lá e ali...  
De dentro pra fora,  
A qualquer hora,  
Rápido ou sem demora,  
Breve ou com pressa,  
Sem que me veja ou se despeça...  
Da direita pra esquerda,  
Ou vice e versa?  
De cima pra baixo,  
De baixo pra cima,  
De dentro pra fora  
E de fora pra qualquer lugar...

Tramitações... Vinculações...  
A pé,  
De carro,  
De van,  
De bike,  
De caronas combinadas e inesperadas,  
Em idas e vindas, formais ou informais,  
Que circulam e transitam, continuamente...

De perto pra longe, ou distante e sem fim?  
De um passo pro ônibus,  
Do ônibus pro trem,  
Dos trilhos pro metrô,  
Do metrô pra rua,  
E da rua pra qualquer lugar ...  
No ar, na terra, na água  
Na chuva, no sol  
No vento, na brisa...  
Do dia pra noite,  
Da noite pro dia,  
Madrugada adentro,  
Na presença da lua, das estrelas  
Ou do que estiver por lá...

Interligações...  
Entre bites e bytes,  
Teclado e mouse,  
Áudio e vídeo,  
“Zap Zap” e Face,  
E-mail e Insta,  
Papel e lápis,  
Bloco e caneta,  
Em ciclos diversos e versáteis de simbiótica comunicação...

Uniões...  
De olhares,  
Gostos,  
Cheiros,  
Toques,  
Sons,  
Mãos,  
Abraços...  
Bocas,  
Pele,  
Corpos,  
Almas...  
Sentidos e  
Sentimentos  
De vidas:  
De mim pra você,  
De você pra mim,  
De nós pra todos,  
Sem importar onde,  
Quando,  
Como,  
Com quem  
E nem o porquê...

Pois em um átimo de tempo,  
Tudo se dissipa e se refaz...  
O mundo flui num ciclo atemporal,

Que se move adiante, atrás e à frente,  
Tão ágil quanto lento, e caminha  
Em fluxo contínuo, realinhando conexões...  
E entre encontros e desencontros,  
A linha tênue que nos movimenta em diversos formatos e  
[situações,  
Seja de modo concreto, abstrato, eterno ou efêmero,  
Ainda que entre o bem e o mal,  
Em dado momento, lançado de um segundo ao infinito...

Cria,  
Estabelece,  
Simboliza,  
Contemporiza,  
Reconhece,  
Resiste,  
Aceita,  
Funde e  
Materializa  
O que somos em:

Singulares...  
Coletivas...  
Marcantes...  
Transformadoras...  
Epifânicas...  
Transgressoras...  
E  
Ininterruptas...

CONEXÕES...

FRANCISCO VIEIRA

C O R P A F E T O

Antigamente era lento,  
estático, artesanal.

Neste tempo,  
lembro da minha infância  
Pipas, Bola de meia,  
Peteca, Bola de gude,  
Pique esconde, Cata-vento,  
Máquina de escrever, Carimbo,  
Amora, Pitanga,  
Manga, Goiaba,  
Jambo, Carambola,  
Jardim de infância, Lápis de cor,  
Máquina fotográfica, Rádio de pilha,  
Vinil, Fita cassete.

Hoje tudo é moderno  
veloz, dinâmico, tecnológico.  
O que vejo é transformação  
Disquete, Pendrive,  
Micro-ondas, Smartphone,  
Notebook, Rede social,  
Wi-fi, Drone,  
E-mail, internet das coisas,  
Biometria, Chip,  
Impressão 3D, Inteligência artificial.

No momento,  
passado e presente  
se esvaem perante minhas retinas.

Quando me lembro,  
Emociono,  
Choro,  
Penso,  
quanta água em um só lugar.

Tudo se transforma, e vejo  
Sol,  
Lua Cheia,  
Ondas quebradas,  
Concha,  
Castelo,  
Estrelas,  
Navios,  
Submarinos,  
Areia,  
Pescador,  
Sereia.

Guardo essas Memórias  
da minha infância,  
sem o Mar.

Fica dentro da cidade,  
traçado geométrico  
onde vejo  
pessoas,  
Ipê Rosa,  
Palmeiras Imperiais,  
Azaleias, Rosas,  
luzes,  
Sabiás aqui já não cantam como lá!

Na Praça  
caminho,  
namoro,  
socializo,  
proseio,  
canto,  
danço  
e até aprecio  
a Arquitetura e as curvas do lugar.

Na Praça,  
tudo se transforma em arte  
Villon, Dierberger  
Eólo, Niemeyer.

Na praça  
Cultura, História,  
emoções, lembranças,  
sonhos e desejos  
se encontram em um só lugar.

GIOVANNA LECCA

C O R P A F E T O

Sobre amar:  
O amor é inevitável  
Ele sempre está no ar  
E você sempre está vulnerável

Nós morremos de amor  
Mas continuamos vivendo  
Suportando essa dor  
Que só vai crescendo

O amor é fogo que arde sem se ver  
E está ardendo agora  
Talvez você veja  
Mas prefere não dizer

Fingir que não sente  
Pode ser melhor  
Porque a rejeição  
Causaria dor maior

E o meu coração grita  
Chama pelo teu nome  
Mas se cala  
Enquanto minha cabeça te evita

A timidez impede  
De dizer, não impede de sentir  
Mas de que adianta sentir  
Se sem saber do meu amor, você vai  
partir?

E quando duas bocas não se encontram  
Em um beijo  
Dois olhares se cruzam  
Numa intensa realização de um desejo

Mesmo quando correspondido  
O amor causa agonia  
Pois, se algum dia extinto  
A vida volta à normal sintonia

Um sentimento reprimido  
De repente expandido  
Não cabe mais no peito  
Pronto, um “eu te amo” foi dito

O medo de não ser respondido  
O arrependimento por ter dito  
A leveza de se soltar  
E o prazer de se permitir amar

De repente presos  
Sem sair  
Somos indefesos  
Não sabemos reagir

Um ser  
Tão pequeno  
Nos fez estremecer  
Sentir falta do sereno

Beijos e abraços  
Antes tão distribuídos  
Agora proibidos  
Só nos resta o vazio dos espaços

Ruas vazias  
Mentes lotadas  
Estradas sem companhias  
Pessoas estressadas

E agora a compaixão se faz essencial  
O amor ao próximo se faz indispensável  
A empatia se torna primordial  
E o toque, impraticável

As máscaras calam  
O pedido de socorro  
Dos que se camuflam

Na miséria do morro  
O silêncio avassalador  
Seguido por um grito assustador  
Da população  
Que pede atenção

Centenas de dias  
Hipocrisia  
Milhões de casos  
Descaso  
Mais de cem mil se foram  
“É só uma gripezinha”, disseram

Presidente  
Incoerente  
Irresponsável  
Inacreditável  
Cético  
Antiético  
O Brasil paga caro  
Por esse caso raro  
De ignorância  
E intolerância  
De um governante  
Que acha o insulto mais importante

Brasil em desespero  
Porque o presidente não é coveiro

GRAZIELLE BAMBIRRA

C O R P A F E T O

## A CAIXA EM CIMA DO ARMÁRIO

GRAZIELLE BAMBIRRA

---

Guarda-se, em cima do armário  
aquilo que não cabe mais no espaço  
das vistas, do peito, do quarto.  
Coloca-se numa caixa, lacrada  
Tudo o que se quer esquecer (mas não consegue jogar fora)

Guarda-se onde não se pode ver  
Não vendo, esquece-se de sentir  
Não sentindo, esquece-se de sofrer

Esquecimento abençoado (?)  
Anuviando os sentimentos que já nos foram caros.

Ouve-se o barulho dos ponteiros  
incessantes  
implacáveis  
perfurantes.  
A poeira acumulada faz coçar os olhos, embaçados,  
embargados  
Destinados a (tentar) olhar adiante

Sofre-se  
(Não olhe a caixa novamente)

Lamenta-se  
(Esqueça, siga em frente)

Marcham os ponteiros. Desgasta-se o armário.  
O processo começa a se tornar mais suportável.  
(ou assim o dizem)

A sucessão das luas  
esconde a travessura temporal  
em suas faces obscuras.  
Decai-se a muralha (que antes se presumia inquebrável)  
Revelando-a de vidro,  
tão fino e tão frágil.

Com cada ínfimo grão de poeira  
trazendo o peso das reminiscências do que se tentou tão  
[desesperadamente olvidar

(Mas forçar-se a esquecer reforça o processo de lembrar)

(Re)lembra-se.  
Abre-se a caixa como um presente há muito ansiado.  
Rememora-se cores, sabores, sorrisos e lágrimas.  
Lágrimas que fluem, como um rio.  
Um rio que limpa,  
que cura,  
que abraça.

A caixa já não mais existe  
Seu conteúdo agora decora todo o espaço,  
das vistas, do peito, do quarto.

E então,  
somente então,  
inteiramente e  
verdadeiramente,

guarda-se.

Saudade: palavra criada para traduzir afetos intraduzíveis. Lágrima, que cai ou não, pesando o peito e o papel. Combustível da melancolia. Movimento vago da mão de quem sente. Tentativa vã de desenhar contornos no vazio. Desabitação povoada apenas por memórias. Frio numa manhã de sol. Companhia silente. Solidão mascarada de alento. Aquilo que sobra, quando todo o resto já foi embora.

No escuro, o tato desperta  
Sinto todas as curvas  
Cada linha do teu alfabeto  
Dedico-me a decifrar-te inteira  
Como uma melodia em braile

Datilo através dos caminhos  
De cada estrela que palmilha teu corpo  
Enquanto vibram pulsações simultâneas  
De nossas luxúrias e fôlegos

Percorro tuas regiões lúbricas  
E nelas seco meus anseios  
Teu corpo, sinestésico  
Exala água pura, transpira desejo

O mesmo hálito, os mesmos movimentos  
A vida corre lá fora,  
Enquanto aqui, paramos o tempo.

Às vezes, é necessário partir.  
Desprender-se, como a folha que cai  
e abandona suas raízes.  
Entregar-se a novos ventos,  
que carregam o tempo que se esvai.  
É preciso achar novas diretrizes,  
novos caminhos para o nascer do sol.  
O mundo parece mais frio  
quando não estamos em movimento.  
O horizonte só é limitado pela ausência do descobrimento.  
A alma que voa livre  
sempre encontra companhia.  
Deitada sob o manto azul estrelado  
ela nunca estará sozinha.

Escuro  
Sinto-me caindo, ultrapassando  
O último suspiro  
Ouço o leve bater de asas  
Levando-me ao meu destino  
A fina tela que divide o mundo  
de tudo aquilo que já não há  
Agora, assemelha-se a um muro  
O qual sou incapaz de voltar  
Mas não me assusto, não tenho medo  
A tranquilidade passeia entre meus dedos  
Felicidade corre como brisa  
Não vejo dor, não sinto lágrimas  
Sinto-me imerso nas flores mais plácidas  
Eternamente em paz  
Eternamente ausente  
Vejo-me livre  
Mas preso aos que choram, por mim  
Lágrimas preciosas como pérolas de marfim

GUILHERME BORGES

C O R P A F E T O

## DUAS ESTRADAS

GUILHERME BORGES

---

Duas estradas convergem à vista de um viajante  
Uma leva ao interior  
A outra, ao êxodo

De onde tenha vindo para o caminho  
Quanto mais se envereda  
Mais perto dos dois destinos chega

Passa por campos e vilas  
Passa por si e pelo outro  
Atravessa a noite clara e o dia de treva

Duas estradas, uma e outra  
Amorosamente convergem  
À vista de um viajante

Dois viajantes  
Três, infinitos viajantes  
Tendo por destino a origem

## NAVEGAR, NAVEGAR

GUILHERME BORGES

---

Navegar, navegar  
Ao meu lado apenas os sem-convite  
Na imensidão para as distâncias  
No tempo da presença  
E não há nada além de cada vaga

## CONSAGRADO DAS CORDAS

GUILHERME BORGES

---

Suas mãos lembram sóis  
E a dureza áspera da terra dos seus  
Suas mãos se lembram das cordas  
Das cordas dessa viola?

## UM CHORINHO

GUILHERME BORGES

---

O choro não convém ao homem!

O *whiskey* convém ao homem!

O choro convém ao *whiskey*...

## INVOCAÇÃO À CEVADA

GUILHERME BORGES

---

Pelas fachadas, arandelas e vias da capital  
Onde espalha perfume a flor do lúpulo artesanal  
Ó, Curral-del-Rei! Ó, Belgique nacional!  
Ó, velhas do Rio das Velhas, que banha a Estrada Real  
Trazei-me depressa a cerveja segundo a Lei da Pureza  
Pois nela darei com certeza um gole fenomenal!

E quando, depois de muitos, tiver de trocar o barril  
Perenes sejam as fontes das torneiras do Brasil!

GUILHERME HURTADO

C O R P A F E T O

vi-me de pé  
ante meu corpo deitado  
o vazio  
o silêncio  
agustiam meu brado

o presente sentenciou  
meu entorno turvo  
minha barba de outrora

a ponte levadiça  
a ponto de descer  
não chora  
não quer  
não pode mais esperar

o acaso gira  
formou-se reta  
e dois corpos verossímeis  
olham estrelas  
enquanto pisam  
os últimos cavaleiros

a proposta  
é nos prender à poesia  
para então livrarmos,  
mas quem?

Aqueles que já entenderam a palavra livro  
como primitiva de seu verbo  
falo em metonímia  
falo em livrar-se  
amar-se

Para os que não entendem  
relevem a figura de linguagem  
um soco de mil páginas haverá de ser bem dado

decidi retirar-me da crônica dos jornais  
o rumo são os bosques de um lugar ainda desconhecido  
que abrigará algum ser carregado de tijolos  
tolo levar bagagens pesadas  
pedregulhos urbanos  
almejando construir abrigo

as folhas  
a terra  
os galhos caídos  
são as armas  
para queimar o caldo  
vigoroso da morada

Os pássaros cantam  
bem como as cigarras  
seguindo a mesma lógica serei formiga  
A me lembrar  
– são estórias vividas

durante caminhada  
notei carros  
indústrias  
pessoas com pressa  
e com bocas abertas mascaradas  
e desmascaradas  
pela ignorância  
ou por questões ministeriais

tudo era minúsculo  
foi apequenando e confirmando insignificância  
dos que clamam economia  
em detrimento de uma vida distante  
salva dos vermes  
vírus  
milícias  
tiros

A próxima à esquerda  
se aproxima.

INGEMAR GLUBSTRÖM

C O R P A F E T O

## FRAGMENTO 29

INGEMAR GLUBSTRÖM

---

ele varre as flores da paineira...  
como quem cumpre seu ofício,  
desfaz novamente o tapete rosado  
que se tece desde ontem...  
resignado,  
apaga ainda uma vez as cores  
que pintam o chão...  
sem saber que é impossível,  
recolhe as pétalas  
que sustentam nossa realidade...

## FRAGMENTO

INGEMAR GLUBSTRÖM

---

Os olhos daqueles que amo,  
o calor daqueles que me esperam,  
a terra de que sou feito,  
a história que meu corpo testemunha.

No regresso, busca.

# VELHA SENHORA

INGEMAR GLUBSTRÖM

---

a saudade vela  
e não cabe  
chama

## LITANIA PASSARINHA

INGEMAR GLUBSTRÖM

---

Bem-te-vi, bem-te-vi,  
canta lá, eu aqui...  
Como raios de Sol,  
dizes "olá" e eu, "senti".  
Tece a manhã, bem-te-vi.

Sabiá, sabiá,  
canta e faz vibrar  
o meu coração, sabiá.

Sanhaço, sanhaço,  
forte no nome,  
doce no passo...  
Entre duas tempestades,  
em próprios ritmo e compasso,  
fizeste tua música, teu caminho,  
como nenhum outro, sanhaço.

Curió, curió,  
teu canto me faz dó...  
Não, não é pena  
nem amargor;  
não é tristeza, não é dor...  
São essas notas de Verdade  
que, no quieto, no estar só,  
ecoam essa saudade  
que me encanta, curió.

Canarinho, canarinho,  
cantaste cedo minha sorte...  
Desde pequeno, irmãozinho;  
lições de vida, lições de morte;  
viver quietinho,  
não ser forte.  
Cantas ainda, canarinho...

Imensidão...  
Nestes vastos ares,  
oh! que digo?,  
nestes outros mares  
em que voo,  
em que nado,  
o canto vem de sóis,  
de estrelas e galáxias...

Ao som dessa luz,  
nesse nada em que deslizo,  
em que descaio,  
das amarras me liberto  
e ao encanto me entrego.

Brilha! Brilha ainda mais!

ISA DE OLIVEIRA

C O R P A F E T O

Olho para o nada  
paredes brancas  
respondem ao silêncio costumeiro

Ao alto mudanças temporais  
sinalizam  
que o ciclo da vida continua

Nesse bate-papo  
trancado na mente  
conversas entre  
passado  
presente e  
futuro se aglomeram

Paredes brancas  
manchadas  
com a tinta da esperança  
guardada na memória.

Poder abrir os olhos  
para depois fechar  
e mirar os sentidos  
ocultos entre meus dedos

Abrir as asas  
que os pensamentos  
criaram com as palavras

Voar pelo tempo  
destemida e algoz

Quando me disseram  
que o pássaro não voaria  
o céu preteou

Nas minhas mãos  
suja de nanquim  
riscos do tempo  
de uma cronologia desconhecida

A verdade só se torna real  
ao experimentar a  
liberdade

Rascunhos rabiscados  
na tentativa de um esboço inacabado  
a fôrma humana desenhada  
entre capas  
sem títulos  
sem versos  
sem rimas  
sem defesas  
editadas  
para caber nas minhas mãos  
enquanto cada página esvoaça pelo infinito  
livre, livres.

Revise as ideias  
colocadas no lugar errado  
Revise os caminhos  
percorridos antes do motor pifar  
Revise os conceitos errôneos  
de uma bula inadequada

Corrija  
as falhas  
os enganos  
os equívocos  
os erros

Aceite as críticas  
Tome uma dose de F7  
que está ao alcance das suas mãos

O revisor  
não é só auxílio emergencial  
Porém, necessário diariamente  
Antes,  
para que sua obra  
em vida  
seja editada  
do que apagada

Na estante  
muitos livros  
Nas páginas do jornal  
a coluna crítica dizia o resultado:  
Prêmio Literário Deletado.

Os de cabeceira  
São minhas segundas às sextas-feiras

Os casuais  
São meus finais de semana

Os enamorados  
Contemplo-os na vitrine da livraria

Os desaparecidos  
Emprestados e nunca devolvidos

Os inseparáveis  
Não saem da bolsa, da mochila ou do bolso nem para comprar um cigarro

Os pacientes  
Sempre na eterna espera do seu momento

Os gloriosos  
Conquistaram o leitor

Os marqueteiros  
Apelidados de best-sellers

Os esquecidos  
São achados nos sebos  
Os recém-nascidos  
Na maternidade dos lançamentos

Os indesejados  
Criticados negativamente e cancelados

Os premiados  
Estão em todas as estantes

Os anônimos  
Poucos os conhecem e são tão bons quanto os marqueteiros

Livros,  
Quem são vocês?

## FUTURO DO PRETÉRITO

ISA DE OLIVEIRA

---

Memórias que insistem  
em não serem apagadas

Saudades de um presente  
embalado e consumido

Cartas queimadas  
para que não houvesse futuro

Flores murchas  
regadas a lágrimas

Sorrisos silenciosos  
de um sopro do vento no rosto

Meus cabelos esvoaçam  
no ritmo do tempo  
e  
tudo transcorre  
como se não houvesse amanhã.

JOÃO BATISTA SANTIAGO SOBRINHO

C O R P A F E T O

## NOVE MOVIMENTOS

JOÃO BATISTA SANTIAGO SOBRINHO

---

Houve um instante.  
Agora, por arte reedito,  
sua sensação aparece, um ar,  
quase um rosto.  
Ele chega e é uma vida, então  
não o entendemos muito bem, mas  
temos uma intimidade,  
a rarefeita expressão e,  
outra vez uma hybris, um amor,  
e não mais que uma intensidade,  
em suma, uma criação.

A lembrança, eis  
que o futuro rápido a empresta,  
um outro embaçado filme,  
ecrã da interioridade,  
lança-se aonde nem os rios vão,  
os rios só sabem chegar ao mar, à memória não.

Desde o primeiro segundo  
em que ela se nasce morre nos campos.  
Mesmo aquecida a forte sopro,  
uma intensidade transpira, não se a retém,  
ali mesmo onde evapora,  
brincam os tentos do havido,  
na novidade que os trás  
as variadas versões  
que o amor insiste em criar,  
pois lembrar ele não sabe.

Por certo, à beira de um rio grande,  
houve o testemunho de tudo a que este poema  
palidamente responde,  
cantando o que na lembrança é aurora.

O passado, surdo e mudo,  
vai-se esvaindo.

Leva consigo a cóclea:  
a música, a água, areia ou  
a cifra de cada coisa.

Porém, sócio da alegria  
permite por ilusória arte  
o trapezista sem mãos olvido-inventar o olvido  
sabendo-o subsumido a qualquer forma de alcance.

O que nos afeta, um signo,  
multimilionário, uma primeira  
e última extra edição,  
fulgura o si consigo  
a estatuária ilusão.

Nunca se escuta  
suficiente uma paisagem,  
sentir-se-á tão pouco sua líquida extensão.  
Um cisco de areia,  
seu amiúde infinito,  
não se o desfruta  
ou esfoliamo-nos entre as coisas  
à maneira do vento.  
Saber-se de si é dar um grito.

Perto e longe, o amor, ou à palma da mão  
hidrografias divulgam-se em seus cursos  
os que riscamos reúnem-se  
entre os que chegam em profusão.

JULIANA PACHECO

C O R P A F E T O

ensurdecadora goteja em mim  
pincela meus pulmões com verniz sufocante

trava a cancela de minha garganta  
incapacita a habilidade de apreensão dos meus dedos

viola meus sentidos, perturba meu olfato  
corpo pesado como cortinas de pedra

como se pressentindo um aviso que não chega  
engole uma bola de ar e poeira de tempo

quanto tempo leva um silêncio para morrer?  
quantas horas fazem que paralisei nos minutos?

aos seus olhos eu sempre pareci lerda. agora tudo tomou proporção maior. gosta de acordar cedo e aproveitar o dia. eu durmo tarde penso muito à noite. no entanto vários domingos acordei às oito para acompanhá-lo no café. não gosta de comer sozinho. nessas ocasiões os goles me descem desagradáveis como meu hálito. nunca vê efetivos sinais de iniciativa em mim. irrita-se porque não percebo que está ansioso, é que agrada-me a cama bagunçada. vivo no tempo do agora, ele gosta do amanhã. se ofende quando me vê colocando no mesmo prato macarrão arroz feijão carne cozida e farinha. algumas vezes perdemos o ar de tanto rir. acho que nessas horas somos nós. sente-se um desbravador de mundos quando me apresenta uma música nova. para mim não passa de um colonizador sempre a me impor seu gosto. sente-se exaurido da velha determinação de me fazer perceber o tempo que gasto em redes sociais. eu não me importo sigo curtindo e compartilhando. às vezes sinto as palavras não ditas explodirem dentro de mim e arrebentarem meus pulmões. perco o ar, ele percebe. fica em estado de alerta. me oferece vinho, pega o baralho, me propõe uma jogatina. e me compra calcinhas novas.

Telefonei a Danilo. Não, eu não era autoritária, sentada em frente ao telefone embaralho os dedos, não quero que perceba meu estado pela minha voz e me faça perguntas interessadas que não quero responder.

Desligo e vou regar as plantas, há dias não água a samambaia, assim como eu, ela não morre.

É simpático apesar dos irritantes lábios finos da avó, se preocupa em não tocar em certos assuntos que não aguento ouvir a respeito. Sua passividade me aborrece, fecho os olhos pensando na minha dor nas costas. Talvez ele também desejasse, em segredo, não me ter como mãe, nunca seria capaz de admitir isso, sempre se sentiu culpado por tudo.

Passa um homem de terno e máscara na tv, penso se ele gosta da mãe que tem, se deseja ter uma outra. Sinto-me entorpecida, tento juntar minhas forças, fixo o olhar na gola da camisa do rapaz, os sentidos suspensos entre os tímpanos e o mundo.

Imagino a minha vida se ele nunca tivesse nascido. Volto a me concentrar no almoço, só consigo pensar naquele dia em que tomou meio vidro de xaporo para adultos. Carlos foi quem tomou a frente e o levou para fazer uma lavagem no hospital.

JULIO ABREU

C O R P A F E T O

Os tempos pós-tudo serão  
(após a quarentena  
de silêncios sem silêncio)

apesar do peso  
os tempos pós-tudo serão  
mesmo na mais alta noite

azuis, azuis, azuis  
brancos e azuis  
na mais alta noite serão

•

Carros, buzinas  
vozerio dos passantes  
algazarra nas ruas e abraços

Os abraços, aquela alegria toda  
e mais abraços – num só abraço –  
Quantos braços, meu Deus, e

pernas e mãos e bocas  
e beijos e mais beijos – num só beijo –  
Quantos beijos?

Os dias novos, pra lá de 2020  
e nosso reboleção descambado  
desabando no asfalto

de outros carnavais  
de qualquer futebol  
em mais um samba-

esquema-novo  
da nossa alegria incurável  
que tomba troianos & gregos

•

Inauguraremos  
uma semana por ano  
um descarnaval

– sem parques, comércio  
uma semana só  
de asfalto sem trânsito:

só você  
em algum silêncio seu  
ressoando o seu antissamba-enredo

eram arranhaduras superficiais  
via as manchas de barro vermelho da encosta  
sem nenhum sentimento do pitoresco  
mas tinha intuição da sensibilidade

via a broca, como rasgões na paisagem  
observava a queimada que tinha a vocação do cinzeiro  
a terra, isenta de todos os obstáculos do trabalho:  
de nuvens de gafanhotos, tufões, geadas, secas, terremotos...

seu instinto de ação  
era inutilizado pelas sentimentalidades emolientes  
visões exageradas  
deformavam-lhe o equilíbrio das relações imediatas

noções confusas, projetos imprecisos  
resultavam na incapacidade de realizar  
tentava assimilar os melhores estímulos  
a falta de método acarretava uma precariedade

quanta energia mal empregada  
coartada pelos vícios de seu aproveitamento  
na desorientação dos processos  
como quem leva o peso de uma ideia fixa

no desastre das tentativas  
goravam as concepções práticas  
era a manivela das ordens do dia...  
aparecia como encaçada nos astros

LEONARDO MORAIS

C O R P A F E T O

hipertextos sobretudo serão intertextos que serão conectados hipertextos talvez hipertextos que não serão hipertextos que não serão talvez hipertextos talvez deletados hipertextos talvez acessados hipertextos sobretudo talvez hipertextos talvez intertextos que serão tudo hipertextos tudo intertextos talvez sobretudo hipertextos sobretudo que deletados que acessados que conectados serão deletados não serão sobretudo não serão talvez não serão que tudo talvez tudo hipertextos sobretudo talvez intertextos que serão não deletados serão acessados não conectados tudo sobretudo deletados tudo hipertextos talvez intertextos sobretudo serão intertextos que serão acessados hipertextos que não serão tudo sobretudo deletados serão acessados hipertextos conectados hipertextos que talvez deletados talvez que serão acessados serão talvez intertextos que tudo deletados sobre hipertextos sobretudo que talvez não serão tudo intertextos acessados serão hipertextos conectados que serão sobre deletados intertextos serão talvez hipertextos sobretudo serão talvez hipertextos conectados hipertextos conectados talvez serão sobretudo conectados hipertextos talvez talvez que serão tudo sobretudo deletados sobre hipertextos hipertextos sobre deletados sobretudo tudo que serão talvez

quase toda obra  
é dobra  
nem toda dobra  
é prima  
algumas são rasuras  
outras vinco  
algumas  
linhas

# ODA A LOS DILUYENTES

DEDICADO A JOSÉ POUND PAES  
TRADUTTORE-TRADITORE

LEONARDO MORAIS

---

convención  
coinvención  
invención

LORENA FREITAS

C O R P A F E T O

Não poderia falar a palavra feia  
De tão feia se tornou obscura  
Eles não entenderiam a comparação  
Eles são pequenos

Mas não quero que escutem.  
Reproduzir posteriormente?  
Jamais!  
Um arranjo de flores naturais se despencou

Bum!!!  
Escorreu água por toda a sala  
Muitos cacos de vidro  
Não posso falar a palavra feia

Foi a menorzinha que se esbarrou no arranjo  
CARAMBOLAS MENINA !!!  
NÃO CONSEGUE FICAR QUIETA UM MINUTO?  
O que é Carambolas mamãe?

É uma fruta bem azedinha meu amor  
Azeda e um pouco ácida quando verde  
É a frutinha que quando corto  
Um formato de estrela aparece

Entendi! Disse ela.  
Quando o vasinho caiu  
Estrelinhas se formaram no ar  
Estrelinhas de água.

Estou paralisada.  
De todas as surpresa  
E decepções  
Essa é a mais impactante.

Eu gero um ser  
Eu dou a vida  
Ela está dentro de mim  
Não posso enfraquecer.

Dali em diante  
Em todos os dias  
Eu vi, eu sobrevivi  
Ao sol da meia-noite.

Um órgão muscular  
Que transporta sangue  
E bate tum, tum, tum.

Sinto o ardido, um suor frio  
A decepção de acreditar  
Estremeço inteira  
Estou gélida

A culpa é minha.  
Acreditei demais  
Acreditei ademais.

Despertei.  
Não existo mais sem mim.  
Sinto sua falta  
Mas sua falta não me faz

Não mais.  
Já fez.  
Hoje tenho a mim.  
Eu sou a minha luz do dia.

## SEUS OLHOS

LORENA FREITAS

---

Seus olhos eram verdes  
Um verde diferente dos verdes  
O branco parecia mais branco  
E dentro da sua íris eu via a mim

Eu era bonita ali dentro  
Eu era pura  
Minha face tinha simetria  
Apenas dentro de seus olhos.

LÚCIO FERNANDES LEMOS

C O R P A F E T O

## VERDADE NÃO DITA

LÚCIO FERNANDES LEMOS

---

Sincero com você, não busco mentiras  
Real conceito dizimado pela hipocrisia  
Prazer elevado, talhado pelo medo  
Depois do inverno vem o verão  
Nada é perfeito no caminho  
Apenas a caminhada sem covardia  
Velha carroça que apeia no chão da terra  
Oh vida, tu és a mais bela das cortesãs  
Vestida de inocência, com olhar de pureza  
Mas com violência e sensualidade  
Amo te usar, mas o preço é caro  
Não raro, muitos desistem de se divertir  
Paranoia mundial, não posso mais falar  
Cálice de sangue de porcos  
Vivaz de forma eficaz  
Tal qual uma serpente sagaz

Qual caminho é certo?  
Como saber se é melhor o mais perto?  
Fácil, difícil, artifícios da mente  
Que foge propositalmente desse fogo ardente  
Que fustiga delinquentemente os atos de toda gente  
Paradoxo, ortodoxo, perturba de forma latente  
No final, quem sabe entender  
Surpreendido pelo destino cruel  
Derretido tal qual vela se apagando  
Brotando do coração a fúnebre pergunta  
Será que acertei a opção?  
Não e sim, pergunta sem fim  
Nosso caminho nos faz?  
Ou fazemos nossos caminhos?  
Perfazemos o soberano divino?  
Concerto da vida e suas notas desconexas  
Perversas, trazem alegria inesperada  
O sangue dos inocentes são combustível para o progresso  
Perverso e belo  
A certeza é seca

Por que esses olhos no ermo?  
Toureiro de ilusões esquecidas  
Destino trágico, sem sentido  
Recomeço pelos fins, tortura  
Censura seu espírito sem saber  
Prazer nas loucuras internas  
Devia se conhecer, perfazer-se  
Nas sombras dos pensamentos  
Dançando na lama  
Sem medo de se sujar  
E se divertindo, sem ressentimento  
No alento da embriaguez, da sabedoria do fraco  
Simplicidade que diz mundo  
Tudo ficando fácil, uma palavra  
A lealdade da gentileza sutil  
E o silêncio desnudando a verdade  
Sarando as feridas que ninguém vê  
A dor não é só sua  
É seu elo com sua espécie  
Esquece dos detalhes, observe

MARCELA LEONEL MEMBRIVE

C O R P A F E T O

Gosto de pensar que suas músicas são sobre mim  
De cantar para os narcisos que sorriem com inveja  
Para as papoulas que bocejam como se não fossem nada de mais  
E para os jacintos que choram como se lembrassem de Alguém

Quero te levar para dar adeus ao Sol no seu poer  
Ter uma noite de romances digna da nossa bênção de Afrodite  
Acreditar que vou estar nos seus sonhos  
E que vai me acordar com um beijo morno dizendo: eu te amo

Admito que nunca me senti assim  
Não sei como vou ficar quando ir embora  
Você é minha eterna casa, minha eterna ilha  
Meu eterno... e se?

## SORRISO

MARCELA LEONEL MEMBRIVE

---

Você não sabe o quão bom é te ver sorrir de novo  
Mesmo que seja uma felicidade momentânea  
Que dure apenas aqueles segundos  
é até estranho ver um sorriso no teu rosto

Queria ficar feliz por isso  
mas me sinto... mal  
Talvez por inveja de não ser o motivo do tal  
por não poder ser seu orgulho

Não gosto de lembrar quem você era  
antes de se desalmar  
Antes de parar de sorrir e se esconder  
de sumir e ficar dias sem ligar

Agora eu sorrio por cima do seu sorriso  
escondendo o meu choro  
bebendo minhas lágrimas  
mas sorrindo, por te ver feliz

Sair disso é dizer que não foi nada demais  
sendo que é muito, é doloroso  
Fútil diante da dor dos outros,  
ainda assim dor

Não reclamo da dor  
Ela é mãe dos espertos, guia dos cegos, professora da vida  
mas às vezes vai além  
às vezes bate, perde o controle  
confunde as palavras,  
machuca.

Durmo querendo por tudo pra fora, mas não tenho com quem falar  
não tenho olhos pra olhar nem braços confortantes.  
Queria me ver no espelho e ser minha própria muralha,  
me proteger ao invés de me combater.

Quando finalmente falar com alguém  
não vão sair palavras, nem lágrimas, nem nada  
esqueci como se diz bom dia com um sorriso no rosto,  
só pra tentar fazer o ninguém feliz, mesmo que por cinco segundos

Parece que me tornei nada  
não sorrio, não choro  
e não tenho ideia do quanto eu queria chorar,  
preciso sentir, mas sou vazio.

MARINA GOMES

C O R P A F E T O

## ENCANTO DE DESENCONTRO

MARINA GOMES

---

decorei o mapa de tua face ouro-marrom  
e fui,  
convicta da estrada a trilhar  
desde a ponta desfeita de um cachinho caído na testa  
até aquela cicatriz no queixo

calhou de eu me desnortear  
em alguma curva do percurso,  
eu dancei  
me perdi ao me encontrar  
na constelação de suas pintas  
esse desencontro me levou  
aos encantos de seus lábios-labirintos;

lábios cheios de sons tranquilos  
como quem promete  
e faz...

que delícia de dança  
que encanto de desencontro

e esse vem e vai  
cheio de si  
independe de nós;  
independe de mim

esse vai e vem  
bem, bom  
contigo, contíguo  
é alvoroço, é ginga  
d'ocê, em mim  
comigo e para mim

e esse vem e vai  
não padece o apreço  
eu te sinto  
aqui na curva do ombro  
entre laços venturosos  
entrelaçados

e eu já sei  
o que delonga a tua vinda  
mas esse vem e vai  
é cheio de si  
e independe de nós  
independe de mim.

## AÇÚCAR OU ADOÇANTE?

MARINA GOMES

---

ei,  
passei café  
passa por aqui mais tarde  
ainda lembra disso?  
que bom!

tu passa  
e teus olhos passeiam  
no compasso do que faço  
passado imperfeito  
e se o café esfriasse?

pois, aperta esse passo  
mas  
passa sem pressa  
tu passa e fica  
pacificando meu peito  
e ficando naquele depois  
singular  
sem igual

encaro a garrafa por mais uns minutos  
nunca imaginei entre nós uma convivência tão pacífica  
estávamos ali há duas horas sem uma acabar com a outra

e se esse bar fechar?  
e se ele não vier?  
marcamos às oito  
e já são dez  
desce outra  
eu já posso ir?

encarno a feição trágica, rude, quase feia  
encosto outra vez o olhar no relógio  
sinto que todos me fitam com cara de dó

ele não vem!

olhos minúsculos embotados do incômodo-encanto  
quase que hipnóticos;  
os olhos de ressaca

desejou ardentemente ofertar  
teu coração-ébrio ao rapaz  
quis gritar aos quatro ventos  
quis o êxtase  
o frenesi  
era a "borboleta-menina em seu voo inaugural"  
e era a maturada mulher tenaz  
quis perder o chão e continuar de pé  
carecia de um amor audível  
publicável  
um coração-ofertado  
com direito a testemunhas

e aí?  
me atravessa?  
ou me contorna?

MARINA RIBEIRO MATTAR

C O R P A F E T O

## LEMBRETE

MARINA RIBEIRO MATTAR

---

tiro os óculos pra dormir  
 e a luz do *abajour* deixa  
 sombras  
 sobre a mesa

provo da confusão dos míopes  
 à meia luz, cada coisa repousa mais densa

## CUPIDO

MARINA RIBEIRO MATTAR

---

o amante só pode ver  
o quanto decide  
o amado mostrar

tudo que se vê além  
não é, senão, a sombra  
do amante  
incidido no objeto amado

ah, o amor  
se confunde tantas vezes

faz-se de cego, quando não é  
quer não-ver  
e não vê, certamente  
tem os olhos confiscados por Cupido

i.

recebi um bilhete de Deus  
com os seguintes dizeres:  
é preciso completar  
o trajeto  
passando pela escada rolante

ii.

o desejo é uma busca  
pautada no esquecimento de si  
por isso cavalgar floresta  
adentro  
nadar mar aberto  
à deriva

ii.

me disseram:  
é mais fácil amar os mortos  
(aparentemente, fui eu mesma)  
poder dizer eu, poder estar  
como estar vivo diante da morte?

## POEMA PARA PAIS E FILHOS

MARINA RIBEIRO MATTAR

---

é triste pensar  
que quando passamos a conhecer nossos pais  
eles já estão velhos  
pois só quando somos, nós também, um pouco velhos  
que entendemos quem eles são

(somos nós)

é triste pensar  
que não vamos conhecer nossos filhos  
quando eles estiverem velhos  
pois só quando somos, nós também, um pouco velhos  
que entendemos quem eles são

(somos nós)

MÁRIO ALEX ROSA

C O R P A F E T O

## SOLIDÃO

MÁRIO ALEX ROSA

---

A luz solar clareia o dia  
O sol expandindo o mundo  
Nenhuma sombra ardia  
A cidade acordou vazia

Quem diria  
Um dia  
A cidade amanheceria  
Assim sem você  
Sem cidadania

O sol clama  
O sol chama  
O sol não quer estar só  
O sol é para todos  
(o sol do teu rosto)

A cidade sozinha  
A lua ilumina  
Meu amor na janela  
(Ainda espera)  
O sol de todo santo dia

A cada manhã um amanhecer longe  
abre-se em silêncios ao sol que desponta  
aberto a oferecer boas-vindas ao dia

A cada noite um anoitecer longe  
fecha em silêncios a lua que aberta  
oferece boas-vindas a noite

Repetidas vezes a natureza oferece  
os mesmos espetáculos  
sem a permissão dos homens

Queria saber de onde vem tanta beleza?  
Mas queria saber onde estão aqueles  
que foram antes de nós?

Que um dia colheram as manhãs,  
as noites que os tocaram em silêncios,  
a consciência das palavras pensadas

Há agora o repetir de novo  
os amanheceres, os entardeceres demorados  
quando a luz da noite solicita entrada

Quisera a ti colher os dias  
com a pena que falha no instante  
que prende o que sente

Quisera a natureza saber de mim  
e de ti recolhidos que estamos  
velando outros amanheceres

## OUTRO EXÍLIO

MÁRIO ALEX ROSA

---

Sob o peso de um invisível  
Em casa exílio

Longe do ar que respiro  
Por aqui fico

Se contamina lá  
Por cá abrigo

Se o vento tem mais alegria  
O medo é um risco

Se no céu tem mais estrelas  
É noite que se embeleza

De dentro apenas espio  
A rima que me desafia

Não deixe amor  
Tudo acabar em dor

Se acaso Deus existe  
Lá ou aqui

Não permita esse fim

ELE Chegou!  
Ninguém sabe de onde veio e  
Nem como veio e  
Nem para onde vai e  
Nem quando vai parar de chegar.  
Invisível!  
Onipresente!  
Somos invisíveis diante dele.  
ELE não escolheu ninguém.  
Nevoeiro cobrindo as cabeças  
Que acobertam as palavras de medo.  
Somos escolhidos e engolidos  
Até nos tornamos invisíveis para sempre.  
Quem somos nós diante dele tão mínimo?  
Tão microscopicamente pequenino.  
Ninguém vê.  
Ninguém quer vê-lo.  
Quantos são?  
Milhares? Milhões?  
Vão morrer?  
Quem vai disseminá-lo?  
Nós?  
Eles mesmos?  
Quem ganhará essa batalha?  
Estou só entre milhões  
E sonho com meu amor perto de mim.  
Sonho com o amigo distante

E que se protege longe do abraço  
Do meu abraço  
Mas sonho com quem não conheço  
E que já morreu.  
Quantos morreram?  
Quantos morrerão?  
Conheço algum?  
Quero conhecer?  
Morrerei?  
Quem morrerá?  
Quem te convidou?  
Não vê que está causando  
Tantas dores?  
ELE é invisível!  
Visíveis nos tornamos difíceis  
Por causa de mim?  
Por causa de você?  
Isolamos do outro?  
Isolamos de nós mesmos?  
Quem ficará  
Para recontar a história  
Desse poema?  
Desse poema  
Contaminado de vírus  
De dúvidas  
De medo do homem presente  
Ao lado

Longe  
Perto  
Em algum lugar  
Que fechado em si  
Comunga somente  
Palavras que lhe cabem  
Somente aqui  
A casa-abrigo abriga alguém?  
Quando milhares  
Já se foram  
China  
Itália  
Espanha  
Brasil  
Brasil  
Quem será o próximo?  
Haverá o próximo perto de mim?  
Haverá o distante de você?  
ELE chegou e não nos avisou  
Que a despedida pode estar logo ali.

MARLON FABIAN

C O R P A F E T O

nada existe ao nosso redor que possa arquitetar uma noite  
pois basta um pingo no vazio para se fazer um dia inteiro  
a pele sozinha tateia um pulso de mundo  
talvez esquecido pelas réstias que não lhe confortam  
os olhos tocam-no entre o limiar de sua inexistência  
existir é uma cadência arrítmica que desconforta a pausa  
parar é um utópico espaço visto ao longe e que se movimenta  
nem tudo são flores para quem aguarda as primaveras  
a terra, encoberta por um manto de cinzas  
recolhe-se na esperança de uma energia de criação  
que fissure sua extensão e faça-se broto  
depois que irrompa aos céus em direção certa  
e que viva o eclodir das pétalas uma a uma  
sentindo o alongar de suas extremidades  
flor que avassala as pontas dos dedos que a tocam  
dos olhos que a veem e  
dos corpos que a desejam  
que se mostra presente e exala sua força bela  
e com o tempo desabrocha e desaparece  
a cisão de um fio tênue que divide a paisagem  
tudo são flores  
flor[e]ser



pra falar de corpos que desaguam abaixo  
que além do horizonte desaparecem  
rio lamacento

meu corpo nunca está completo  
ele morre e faz morrer  
e é morte  
pela escuridão ultrajante de teus olhos  
deixo de ver  
de vê-los na rodoviária estática e vazia da cidade  
passaram esquecidos e amontoados de esquecimentos  
deszelos dos contornos dos ossos servis  
que operam  
se esforçam e  
trabalham

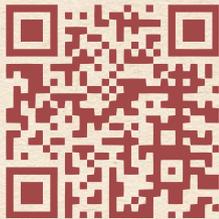
minha perna faz correnteza ao passar pela terra agora descampada  
ondas de terror me invadem  
e fazem meu sangue terroso e afogado  
debilitar meus passos por esta rua que não mais existe  
não consigo ter um braço completo  
que a pele de outrem sinceramente me ocupa

me habita os movimentos que deixaram de existir  
e danço uma dança que mal se ergue  
pelo pulsar das vértebras  
as veias se vertem  
se quebram no seu avesso

meus companheiros me ensinam a dançar hoje  
uma dança sem nome  
mergulhada nas lamas de um mundo novo  
não me cabe fala  
apenas ausências  
acompanhem o sentido contrário da cabeça  
de baixo pra cima ao lado  
e nada além da miséria de um deslocar qualquer  
um suspiro aqui e um corrimão  
encharcado pelo líquido mais cruel feito pelo homem  
a dança só é possível após o envenenar dos corpos  
na agressividade última da busca de alento

desfalece-se e faz-se crescer na revolta dos olhos  
a cegueira que não somos mais capazes de lidar  
parte ao meio as falanges  
e soa o grito das sirenes

uníssonos em um lamento de dor  
pra ouvir soar  
um corpo nunca mais completo  
partido pela sombra  
pela vontade  
devir  
e pelos ossos veias e peles  
de mais carne do que lama.



ontem, corpos caíram dos céus  
seus contornos  
suas formas  
e antiformas  
entre luz e escuridão  
davam a sensação de poder vê-los tão perto.

o desconhecido se tornou palpável às retinas  
o cansaço e o desconforto das peles anunciavam a fraqueza dos ossos  
apontavam para as barbas de um deus em queda  
que ao eclodir da barbárie permitiu que todas as misérias fossem postas.

os túmulos preencheram-se de vagalumes e  
o tempo pareceu ser nada mais que o som do relógio da cozinha  
cada vez mais distante com a chegada do sono.  
diante da marcação precisa dos ponteiros que caem  
ainda nos aconselham a dormir sem preocupação  
como se fossemos frutos dos filhos do sol.

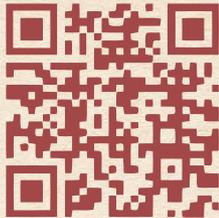
no primeiro voo fracassado como pássaro  
entre a distância infinita do ninho e da terra seca e sem mais  
resta um momento de criação delirante antes do impacto de uma rosa ao chão.

os amigos que nos convidaram a dançar  
hoje dançam em um chamado de revolta  
a carne subjugada em bagatela  
envolve o desejo profundo de invadir os tendões e os músculos dos pés  
e dar passos como criminosos ao retomar suas memórias

sem a intenção eloquente de sempre dizer algo com palavras  
esses corpos põem-se a caminhar livremente  
por esta fissura entre o céu e a terra  
seja por passos no corredor da morte  
ou pelo voo desajeitado de ícaro  
reverberam-se em uma poética no espaço.

corpos continuam a cair dos céus  
seus contornos  
suas formas  
e antifomas  
entre luz e escuridão  
dão a sensação de partilhar do mesmo movimento ao vê-los tão perto.

e através de uma barreira reluzente  
nuvens densas e profundas  
desarticulam os movimentos dos corpos  
eles precisam reaprender a andar  
pois depois da queda, o primeiro passo de uma desajeitada fera se inicia  
para o desassossego dos homens saudáveis.





o movimento se transforma no alento necessário  
partidas  
chegadas  
pele que se estende atenta.  
no toque inexato  
do relógio que desperta para uma vida sem nome  
desaparecem as retinas  
do meu próximo.  
estado. presença tênue e aguda  
que do mundo canta calada  
uma canção sem letra  
sem som.  
a frente o corpo se põe com o sol  
desaparece sem fazer alarde.

MATHEUS NATALE

C O R P A F E T O

Na mala de certo cacheiro  
Havia um objeto inusitado  
Um vaso a mim oferecido  
Que parecia estragado.

Perguntei ao senhor mercante  
Se estivera enganado  
Se seus passos de errante  
Me trouxeram produto quebrado.

– Este vaso, caro freguês  
Não há conserto  
Desta forma se fez  
O que lhe falta é acerto.

– Ó viajante enigmático  
Parece-me charlatão  
Queres me vender objeto  
Desprovido de função?

– Ao meu respeito estás enganado  
Para ser embusteiro  
É preciso vender solução  
O que trago é objeto  
Que induz reflexão.

– Com um vaso sem fundo  
Que hei de fazer?  
Recipiente absurdo  
Não suporta conteúdo!  
Em se colocando flores,  
Líquidos ou provisões  
Tudo se escapará  
Que utilidade para ele  
Na dispensa haverá?

– Este vaso, meu senhor  
Tem natureza intrigante  
É objeto profundo  
Como coisa de outro mundo  
Seu lugar é na estante.

E eis que li na etiqueta  
Uma inscrição misteriosa.  
A explicação do vendedor  
Fez-me então atinar  
Para o encanto do vaso:  
Significado encontrado  
Num recanto abstrato.

Era nada senão um retrato  
Vendido por alto preço  
Pois seu grande valor  
Era seu sentido avesso:

*O que entra  
É o que sai  
Nada fica*

*O que adentra  
É de fora  
Nada fixa.*

*Entre a saída e a entrada  
Tudo e nada  
Tudo é nada*

*Só há borda  
Só há beira  
Tudo é estrada  
O que resta é rabeira:*

*O rastro  
Cujo encaicho  
É o convite  
Ao recomeço  
Gênese e êxodo  
Gênese é êxodo  
Tudo é o nada  
Do entremeio.*

*Vaso sem fundo  
Um objeto profundo  
Um ser-aí-no-mundo*

*Desejo do Absoluto  
É nada querendo ser tudo.*

E tudo isso tornou-se evidente  
Pois até o fim do vaso  
Se fez coerente:  
Do pó viemos  
E ao pó voltaremos.

MAURÍLIO ALVES

C O R P A F E T O

Essas lembranças que cismam de aparecer.  
Nos momentos que menos esperamos.  
Um rio, duas traves e um campo de futebol.  
Alguém gritando “pega a bola!”.

Não é descompromisso.  
Demanda a mais alta responsabilidade.  
3:00 da tarde e não pode ser depois.  
É o jogo de bola no campinho.

Nomes dos jogadores?  
Exercício difícil para quem já passou dos 40.  
Poderia arriscar.  
Essas lembranças que cismam de aparecer.

Lelei, Vaguim, Chico Doido  
Dim, Leo, Junim, Tonho  
Cabeção, Lex, Careca  
Tulio, Rodi, Vanim e eu.

Lembrei de todos?  
Creio que não.  
Talvez alguns nem por lá foram.  
Mas foi bom lembrar.

Essas lembranças que cismam de aparecer.

# ESTUDANTE DE OURO PRETO

MAURÍLIO ALVES

---

Estudante de Ouro Preto  
Estudante de Ouro  
Estudante Preto  
És tu Dante?  
Ex-tudante  
És  
É

MICHAEL FERREIRA

C O R P A F E T O

## MARCHA DAS VADIAS

MICHAEL FERREIRA

---

Mesmo que na rua  
Eu saia nua  
Isso não insinua  
Que eu queria ser tua

Meu corpo pede alforria  
Deixe-me ser vadia

Tentei manter-me são  
Não teve jeito  
Lavei as mãos

Faltou coragem, faltou ação  
Não tive peito  
Lavei as mãos

Quando quis ficar mais perto  
Isolamento  
Lavei as mãos

Fui errado tentando o certo  
Isso lamento  
Lavei as mãos

O coração já todo aberto  
É só lamento  
Lavei as mãos

Desisto desse ano!  
2020 não permite ambição  
Só me resta aceitar  
Lavar as mãos

O que chamamos tempo  
Não existe

Pelo menos não  
Enquanto vida

A vida é espetáculo  
O tempo é palco

O tempo é tão somente  
Suporte de cada momento

Assim, é pois, entidade fixa  
Sem fluxo ou direção

Qualquer coisa fora isso  
É memória ou imaginação

Céu azul  
Convite ao mar  
Fico na areia  
Não sei nadar

Mergulharia  
Em você  
Mas não sei amar

Desenho a felicidade  
No papel de cada dia  
Faço a linha, dou um passo  
Me arrisco e risco um traço

Levo a vida no rascunho  
Numa esperança singela  
Pode até não ser tão bela  
Mas é feita em próprio punho

NÁDIA PAIVA

C O R P A F E T O

Consumiram o calor  
Nossos contos perturbados  
Nossos afetos distantes  
Os escândalos dizem mais

Será que esquecem?

A mulher abraça o filho  
Nosso tempo passa  
Já não está mais lá  
A polícia bate mais

Será que vivem?

A vizinha ouviu o instante  
Nossas canções em tiros  
Ainda não chegou ali  
A cidade mata mais

Será que fogem?

Compartilho memórias  
Nossos jogos são histórias  
Ainda não apagaram aqui  
A luz franca luta mais

Será que me esconde?

Das palavras podemos tudo  
Nossas mãos ao equilíbrio  
Nossos olhares ao futuro  
Da vontade em ser junto

Das bocas por cantar  
Nossa hora mais suave  
Nosso agir mais justo  
Da verdade em ser alma

Das criações vem o assalto  
Nosso barulho é mais alto  
Nosso governo é amor  
Do oposto é a queda

Vamos beber da poesia  
Nossos bosques de ideias  
Nossos rastros de energias  
Vamos ressoar a busca

Temos nosso encontro.

Ainda espero ver  
Sinto na pele  
Aquele água  
Vontade da boca

Ainda espero ver  
Sua cor e suor  
Aquele instante  
Mover de alma

Quero festa no corpo  
Ponto de mutação  
Ponto de origem  
Atos de vestígios

Quero passo adiante  
São rotas opostas  
São pés incertos  
Ainda espero a volta

OLGA VALESKA

C O R P A F E T O

Tinha, sim,  
um mundo  
eterno morno  
e seguro

Um dia,  
e ele chorava  
E mostrava trincas inesperadas

(frágeis trincas  
de um mundo  
que chorava)

Instantes inocentes  
que gotejavam  
como o primeiro dia  
depois de um dia qualquer

Não!  
o frio da noite  
nunca poderá  
dizer  
quantos respiravam  
aquele medo,  
aquela sombra

Gotas de suor  
nas têmporas.  
Calor que se esvai  
a cada pulsação,  
em cada minuto daquele dia  
(inocente)  
que se sentia  
eterno

## DÚVIDAS NO SILÊNCIO

OLGA VALESKA

---

O que o silêncio  
teria a dizer  
nesses dias  
confinados?

A taça de fel  
já transbordou  
sem derramar sequer  
um gole!

O que o mundo dirá  
dessa taça?  
(pregada em visgos)  
Um tempo eterno; eterna sede  
de pó e muco

O que se dirá  
desse baile de máscaras?  
Dança de corpos paralisados  
e contaminados de frio e medo!

(MEDO)

OLGA VALESKA

---

O que está por trás dessa cortina de dias  
encarrilhados  
emuralhados  
esbugalhados  
à espera do futuro?

As cinzas caem no vazio...  
(sim)  
Elas caem devagar demais...  
abrindo espaço...  
para uma procissão infinita de segundos:  
...  
vidas respiradas  
eternamente  
na noite  
esquecida  
...

PAULO CEZAR

C O R P A F E T O

## RECEITA DE PÃO DE QUEIJO

PARA D. JANDIRA, QUE FAZ O MELHOR  
PÃO DE QUEIJO DO MUNDO

PAULO CEZAR

---

Polvilho das melhores mandiocas  
ovos de galinha caipira  
copinho de óleo para dar liga  
sal em pequena pitada  
queijo (ralado) só existente em Minas.

Junte-se a esses ingredientes básicos  
mãos ágeis e pacientes  
aragens de nossas montanhas  
meia hora a cento e oitenta graus.

Serve-se com café feito na hora  
queijo canastra acompanha bem  
lascas de pequi para os mais ousados  
requeijão com raspa preferem outros.

A prosa é elemento fundamental:  
mínimo, duas pessoas;  
máximo, conforme tamanho da mesa.  
Melhor não comer sozinho –  
melancolia escolhe os solitários.  
Pequeno risco: não ver a hora passar;  
grande risco: comer longe de casa  
(lágrimas adoram distâncias).  
Vale a pena viver  
com esses prazeres sem hora marcada.

## MÃE DEVERIA SER DIFERENTE

PAULO CEZAR

---

Mãe deveria ser diferente.  
Plantar sementes, não palavras.  
Colher flores, não futuros.  
Trocar afetos, não olheiras.  
Tecer tricôs, não arranjos vocais.  
Coar cafés, não artimanhas.  
Iluminar veredas, não fossos.  
Mãe deveria ser diferente:  
Produzidas em série  
Na cidade industrial  
  
Ao lado da fábrica de automóveis.

## AURA

UMA TRAMA SINGULAR DE ESPAÇO E TEMPO, ÚNICA  
APARIÇÃO DO LONGÍNQUO, POR MAIS PRÓXIMO QUE  
ELE ESTEJA – WALTER BENJAMIM

PAULO CEZAR

---

A aura trama no espaço tempo  
A aura longe de perto trama  
Singulariza-se na transposição dos sentidos  
Aparece desaparece no perto longe  
Na curva do tempo  
Na medida do espaço  
Que nem surge na imagem  
Retocada nos papéis de jornais e revistas  
Essa aura que busca no espaço perto  
Entre dois, a dois,  
Colocados com suas memórias  
Naquele tempo longe do passado presente.  
Suas vidas capturadas na fotografia  
De um ser sem ser real na luz  
Que finge existir no espaço e no tempo  
E se desfigura em auras outras marginalizadas  
No espaço tempo da imaginação e retórica  
Sempre pergunta, é uma imagem?  
Ou apenas uma névoa no olho da câmera?

## "A JUBA É MINHA, PENTEIO SE QUISER"

PARA IONE OLIVEIRA, DO QUILOMBO  
MANGUEIRAS, AUTORA DA FRASE-TÍTULO

PAULO CEZAR

---

Penteies não. Deixe que o vento despenteie,  
desorganize e reorganize a bons sopros.  
Deixe que o balanço do seu caminhar  
permita o rebolado natural de seus cachos.  
Colora-os da cor que teus sonhos imaginarem.  
Imagine que eles sejam as cobras da medusa,  
que tenham vida própria  
e sonhem em voar como pássaros noturnos.  
Cobras nem têm asas, teus cabelos têm!  
E voam quando querem se deslocar pelos ares da alegria,  
pelos corredores da felicidade,  
pelas nascentes do quilombo,  
sob as mangueiras e os jatobás.  
E se eles insistirem em se alinhar às vontades alheias,  
despenteie-os com as mãos,  
até que te desobedeçam no desalinho.

## ALGUNS HAICAIS DO RIOBALDO

PAULO CEZAR

---

O diabo na rua,  
No meio do redemoinho.  
Num credita não?

Pessoas, no hoje,  
Não foram terminadas.  
Vão se mudando.

Amor, vem de amor  
Mulher, minha neblina.  
Bem querer dela.

De pouca coisa  
A saudade me alembra  
Que se hoje fosse.

Remei vida só.  
Sertão: estes seus vazios,  
Ainda encontra?

O que é pra ser?  
O que era para ser  
São as palavras!

Diadorim sorri,  
Em prumo a cabeça:  
Dobrava anseios.

Ser-(tanejos)-tão  
Sofridos de costume  
De certos nadas.

Onde Diadorim?  
Queria eu só me saber,  
Só mesmo queria.

O real está  
No meio da travessia:  
Nem lá, nem cá.

PEDRO ROSEMBERG

C O R P A F E T O

## FLOR BIZANTINA

PEDRO ROSEMBERG

---

Não se esqueçais,  
Ao que usas seu besante  
Como açoite cambiante

Do vento  
Ao vento.

Eis-me assim:

Emendado.  
Consertado.  
Açoitado.

Enfim,  
Amaldiçoado.

E por fim,  
Não vivo.

## COLOSTRO

PEDRO ROSEMBERG

---

Das maiores saudades  
Está o leite.  
Há infância  
Sim, carência.  
Têm-se vida  
e inocência  
Só não tive  
Na boca  
O gosto doce  
do colo.

ROGÉRIO BARBOSA

C O R P A F E T O

## A SOMBRA INVISÍVEL

ROGÉRIO BARBOSA

---

Pairava no ar  
e ninguém via  
o mal ao meio  
dia

a sombra  
que ali vivia  
era dor  
era soluço  
que não saía

era dor  
e era morte  
e ninguém via

a morte  
em dia  
pleno

a vida  
a escoar  
nos dedos

números  
a eclipsar  
os olhos

lágrima  
que não desce  
o mundo  
fora de foco

a imagem  
que alucina

a cova  
que não cabe  
os mil mortos  
do dia

## VENTO DE VIRAÇÃO I

ROGÉRIO BARBOSA

---

Todo o silêncio que agora assovia  
acorda na memória um dia quente

no céu limpo o sol bufava forte  
e nada previa o vento de viração

soprou com força n'água calma  
levantou rápido a saia da moça  
que descansava na sombra leve  
e furiosa ergueu-se em grito

eu entre aturdido e risonho  
levanto as mãos e clamo  
please help boatman, la mia  
borsa galleggia sul canale

no entorno o burburinho silencia  
os circunstantes riem cúmplices  
contentes com a boa solução  
aplaudem o gentil barqueiro

## VENTO DE VIRAÇÃO II

ROGÉRIO BARBOSA

---

Nesse costume novo  
de andar na contramão  
Nessa janela em que ouço  
e penso triste que há muito  
nêgo morrendo no osso

fico esperando um vento  
de viração um vento louco  
qual redemoinho a virar  
do avesso esse torto  
mundo de gente doida

No assombro  
revolvo escombros  
desassombro o que  
me ensombra

I  
Do alto não  
vejo tudo vejo partes  
há o que se mostra  
se entro nesta lateral  
tempo fluido  
resíduos...

pequenos quadros  
reverberam  
a ala longa  
fotogramas sonoros  
risos abafados

II  
a escola esse centro  
logotécnico diverso  
pensar margens  
inventar materiais tenazes  
fero-ductilidade resilientes  
energias e máquinas  
existenciais  
sibilinos sopros  
saberes se  
hipotenusas flertam  
poiesis  
imagine-se.

III

Do solo  
batido sobe  
o prédio  
a respiração  
o traço moderno  
a curva

mais além

esconde  
e requinta  
a paisagem inquieta  
o olhar dobra  
a linha como o aço  
a forja sublime.

IV

Eleva-se no antigo terreno  
onde outrora galinhas ciscavam,  
espantadas pela máquina  
vassala do progresso urbano.

Primeiro. Pilotis abertos,  
passagens abertas  
livre vão, caminho  
para quem vai ou entra  
sequência da liberdade  
convite à permanência.

Depois, sinal dos tempos, o muro.  
À frente, o grande painel  
encardiu, a chuva lavou  
a poeira fez o resto, o tempo.

V

Ouçõ.  
Ecoam-se vozes escondidas,  
aquele campo de terra batida  
bola joguei amigos amores  
sanduíches rápidos no mineirão  
não. carrefour  
bairro

VI

a noite desalenta-se  
deixa ver o projeto  
a luz futurística  
a haver se assim  
dissipar-se o fumo.

VII

O bairro acordou do silêncio pastoril.  
Só a noite cautelosa traz o secreto sinal  
de roça subestimada na beleza  
beligerante da cidade vertical.

Indiferente às estrelas o ronco  
dos motores as inquietas luzes  
as sirenes apressadas pessoas  
tudo a requerer urgentes rotinas.

A cidade industrial ali em frente  
acorda cedo, às vias anchas  
turbinam o coração do Brasil  
seguindo ao fim da linha.

### VIII

Passeio bom. Pela Alpes alcanço o fundo  
do campus. Inúmeras reentrâncias, locais  
quase secretos onde os estudantes  
passeiam distraídos dos sérios currículos.

O ginásio e o seu pequeno labirinto.  
O longo corredor que parece alongar  
as novas quadras, a apagarem o campo  
antigo, a velha grama e os casais jovens.

Na quadra agita-se o basketball das meninas.  
Outra em seu uniforme desportivo, deitada,  
atira para cima as pernas e lê um livro qualquer.  
Na minha direção meninos e meninas animados

ignoram o amanhã, pela simples razão  
de que o dia há de chegar mansamente.  
É a senha para que os pequenos quadros  
se acelerem revelando grandes janelas.

O tempo não para, (h) ouve-se

STEPHANIE MENDES

C O R P A F E T O

Eu cansei de tentar encontrar uma desculpa  
Que faça do seu comportamento mais aceitável  
Já tentei ignorar sua presença  
Imaginar se sua crença é mesmo tão confiável

Não importa o que eu diga, o que eu faça  
Você assombra minha vida num passe de mágica  
Não posso desviar, nem revidar  
Apenas aceitar essa realidade trágica

Procurei encontrar uma solução viável  
Que não matasse aos poucos por falta de opção  
Busquei encontrar motivo novo  
Que me desse forças para viver, uma inspiração

Mas uma hora isso tudo vai ter fim  
E eu poderei me perdoar por ter me machucado assim  
Um dia vou aprender a ignorar  
Cada vestígio seu que hoje guardo em mim

Estou correndo pela cidade  
Passando pelos caminhos que percorríamos  
Avisto a esquina em que nos encontrávamos  
Mas agora já não encontro você  
Mais passos em vão  
Não tenho tempo a perder  
Mais passos em vão  
Estou com o coração na mão  
Procurando a rota que me leve até o seu destino  
Mas o que posso fazer  
Se não sei nem mesmo minha própria direção?

A vida mudou em um instante  
Parece impossível voltar ao que éramos antes  
Já que eu não tenho controle do tempo  
Nem mesmo milhões de dólares podem reverter  
Um passo para trás  
Acho que já não sou capaz  
Um passo para trás  
Não sei mais o significado de paz  
Sinto que estou prestes a desaparecer  
A cada minuto que se vai  
Eu vou perdendo as chances de ter você

Deveria ser para sempre, ser para sempre  
Mas sou especialista em estragar  
Felizes para sempre

Se eu pudesse fazer diferente  
Te trazer de volta pra mim  
Eu juro que não caminharia para o fim

E agora estou falando com uma lata de molho de tomate  
Questionando como posso te recuperar  
Me entregando de vez à loucura  
Talvez esse seja o jeito de nos salvar  
E agora estou falando com uma lata de molho de tomate  
Questionando como posso me recuperar  
Uma informação oculta na embalagem  
Que indique como criar o nosso felizes para sempre

Eu não estava preparada para dizer adeus  
Mas você se foi  
Tão jovem, com uma vida pela frente  
Sentimentos que não expressei  
Segredos que não te contei  
Momentos que eu ensaiei  
Estão guardados intactos na memória

Com o coração e alma  
Sei que o seu eu está em calma  
Distante do que te faz mal  
Longe de toda a confusão  
Você se foi, mas estará sempre em meu coração

O mundo é cruel, com tanta gente de má fé  
Mas acordei, olhei para o céu  
E firme aqui estou de pé  
Em meio à multidão

Vidas se encontram e se assombram  
E o que permanece é a essência que trazemos  
Você foi assim e sempre será  
A proteção dos meus passos e irá me guiar  
Mesmo em outra dimensão  
Minhas palavras te trazem essa oração  
Para alma renovar e a dor espantar

A vida é uma surpresa  
E às vezes deixa sem lugar  
E o que aconteceu servirá de lição  
Um dia nós vamos nos reencontrar  
Deixo cravada aqui a minha eterna gratidão

TÁBITA NATHÁLIA

C O R P A F E T O

Nesse momento eu me acolho, me aceito, me percebo limitada por sentimentos nem sempre tão elevados como eu gostaria, na maioria das vezes nem tão elevados.

Nesse momento eu aceito que sinto raiva, sinto mágoa, sinto rancor, inveja e desejo de vingança.

Estou em construção, por vezes não escolhi o caminho do amor e minhas escolhas me trouxeram até aqui.

E enquanto me debato tentando me convencer de que sou melhor do que realmente sou perco sempre a chance de fazê-lo.

Então eu aceito, não como quem entrega os pontos, aceito como quem reconhece onde está, me acolho, me percebo ainda muito criança nessa existência, tratando sentimentos muito infantis, puros e genuínos, acolho a criança, a abraço ternamente.

Ela precisa parar de chorar para seguir, ela precisa seguir feliz porque é da criança esquecer e seguir, ela precisa seguir segura sabendo que eu estou aqui para ela, para o que precisar e sempre estarei!

Amo-a profundamente e incondicionalmente e fora de mim não há amor assim que minha criança seja capaz de sentir.

É o amor da grande mãe que nasci para ser, é o amor que minha criança ferida precisa para seguir e crescer, é o amor próprio!

Lá vai a menina da Lua e ir é o verbo feito pra ela!  
Ela só vai!  
Ela é da Lua, de Lua e está aqui em missão.  
Ela está descobrindo sua missão. Mas, do que ela sabe mesmo é da alegria que é viver!  
Sabe aquele forte que não deixa amargo na boca depois?  
Sabe aquele doce que não enjoa?  
Pois é! É ela todinha!  
Ela é de sorrir com os olhos e de falar diretamente o que pensa.  
Não leva desaforo pra casa mas é do amor e de amar muito.  
Ela é da Lua, mas tem brilho próprio e de saia branca parece cigana!  
Oblíqua, mas nada dissimulada.  
Brilha menina da Lua, o mundo é seu!

Eu reverencio tudo o que vivi! Eu amo quem sou, então amo todas as versões que me trouxeram até aqui.

Sinto por elas profundo respeito. Por elas e por tudo o que elas viveram, vibraram e atraíram. Profundo respeito por elas e profunda gratidão pelo que trouxeram, mas não sinto saudade. Por vezes doeu, foi indigno, foi decepcionante. Só valeu porque me trouxe até aqui com o que tenho aqui. Tudo o que senti ficou lá, não está adormecido, está guardado e sei que se vier outra vez jamais vai ser igual ao que foi.

Nesse momento, eu me preparo para ser melhor e eu vivo o que existe disponível:

Se não há amor, vivo a reciprocidade.

Se não há paixão, vivo a perseverança e o trabalho duro.

Se não há paz, vivo a luta.

Se não há equilíbrio, vivo a busca.

Se não há prazer, vivo a disciplina.

Se não há instinto, vivo a descoberta.

E assim percebo que a vida tem de mim o melhor para cada fase que ela me proporciona, quando vivo o momento presente.

Já não sonho mais com tempos melhores, mas tenho certeza de que tempos diferentes estão por vir e a surpresa do que ele traz já me apetece para vida.

THIAGO OLIVEIRA

C O R P A F E T O

Acordei.  
O mundo não é mais o mesmo  
Não posso mais voltar no tempo  
Nem o sofrido sertanejo

Tempos difíceis vêm e vão  
O que nos resta é esperança  
Para que haja mudança,  
Feita com amor e união

T.O.C. T.O.C.

THIAGO OLIVEIRA

---

T.O.C. T.O.C.  
Quem é?  
Quem é?  
Quem é?  
O que quer de mim?  
Não me bata!  
Saia daqui...

T.O.C. T.O.C.  
Quem é?

## SEPARADOS PELO INVISÍVEL

THIAGO OLIVEIRA

---

O Sol continua raiando  
os rios voltaram a respirar,  
a fauna com seu alento,  
e as ondas de alto mar

Quisera eu voltar no tempo  
e falar poesias de amor  
falar tudo o que sinto,  
pois depois nem saberei se minha paixão voltou

Deveras é difícil  
será isso uma sina?,  
para ver o seu rosto de novo  
crio até uma vacina

A realidade às vezes dói  
inexoravelmente nua e crua  
espero que tudo isso passe logo,  
para podermos ir morar na lua

## AMOR PLATÔNICO

THIAGO OLIVEIRA

---

Ela é linda  
Exibe formosura  
Diz que não me ama  
Oras que situação dura

Ela diz que não quer  
Eu digo que a amo  
Ela diz que me ama  
Sem acreditar digo, que insano

Ela parece uma rosa  
Inefável tanto quanto  
Tão cheirosa ela é  
Que me dá até espanto

Ela não tem espinhos  
Sou eu quem a rego  
Só que ela não me dá valor  
Ah, maldito ego

VINÍCIUS ABREU

C O R P A F E T O

Pensem nas histórias  
Abruptas numeradas  
Pensem nos sonhos  
Vias aéreas contaminadas  
Pensem nas vidas  
Que poderiam ser salvas  
Pensem na (ir)responsabilidade  
Como rosas necrosadas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa viral replicada  
A rosa pandêmica contagiosa  
A rosa cem milionária putrefata  
Covas abertas: lágrimas sufocadas  
A rosa antirrosas, virulenta, moribunda  
Mulheres, homens, crianças assassinadas  
Sem ministro, sem governo, sem presidente  
A rosa mascarada  
Medrosa, amarela-rosácea, fraca  
Sem rosa sem nada.

## ROMANCE DAS PALAVRAS AÉREAS

VINÍCIUS ABREU

---

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Ai, palavras, ai, palavras,  
tu és pesada, mas levada ao vento,  
na saudade da calma que não retorna,  
e, em rápida reflexão de sua essência,  
desejo o passado por ora, ora meu presente é a sua existência!  
Sois de músculos, ides no sentimento,  
e quedais, com a mesma metáfora!  
Ai mundo, que horror é esse que te perpassa!

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Todo o sentido da vida  
principia a vossa porta;  
o mel do amor é derretido  
seu perfume de flores eternizado;  
sois o sonho e sou o medo,  
insegurança, fúria, desistência...  
A liberdade das almas,  
ai! com lembranças retornas...  
E dos venenos humanos  
frieza, egoísmo, hipocrisia;  
sois as mais vãs, que contrarias:  
seu desejo, desejo que supera ganância  
e toda vergonha que me controla!  
Dorsos, peitos, corpos, tempos,

pelo vosso impulso rondam...  
Encostado em tênue parede,  
confiança, libertação  
de leve, eu vos desfolho sem hesitação.  
Pareceis de tênue seda,  
que age com surpresa na minha ação  
– e estais na escuridão do quarto,  
– e estais na umidade da boca,  
– e estais nas contradições do mundo,  
– e sou o mais bobo apaixonado,  
– e sou o sangue e um choro cadenciado,  
– e sou somente eu: um peito lanceado!

Ai, palavras, ai, palavras,  
ides pela língua,  
erguendo soluções concretas,  
entre a minha verdade e incertezas,  
desejos de um tempo inquieto,  
promessas que o mundo tão vasto e insolente sopra...

Ai, palavras, ai, palavras,  
mirai-vos: que sou, agora?  
– Amor, ódio,  
desistência, razão, revolta;  
– o olho ardente da perfídia,  
a velar no luar apaixonante;  
– a umidade dos nossos beijos,

– a solidão pavorosa;  
– duro ferro, minhas perguntas,  
com sangue, novidade e decepção em sua resposta;  
– e o relógio que caminha,  
– e o futuro que não cessa,  
– e o coração que vacila,  
– e o mundo que me enforca...

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Perdão podíeis ter sido!  
– sois madeira que se corta,  
– sois vinte degraus de escada,  
– sois um pedaço de corda...  
– sois povo pelas janelas,  
cortejo, poema, trovas...

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Éreis um sopro na aragem que desola...  
– sou um mundo posto em xeque!  
E que por palavras se consola.

## TODO AMOR DO MUNDO

VINÍCIUS ABREU

---

Me cobre mil telefonemas  
Me chame de miragem, alucinação  
Pois cabe a todo poeta escrever poemas  
E a falta que tu me fazes é uma anunciação

Anuncio no centro do mundo:  
Todo amor é bêbado bandido; e todo amor é são  
Sentimento-rosa carmesim, rodeio, moinho oriundo  
Do sentimento clichê e original, eloquente criatura e criação

Proclamo afável de pulmões abertos:  
Todo amor é inconsequente  
E todo amor é sincero  
Todo amor é rubro, doce e venero  
Essa selvageria indolente

Declaro em berros de um tempo virulento:  
Todo amor é áurea flora  
E animalesca carnificina  
Amar é tentação  
Amar é oficina, minha sina  
Amar é REVOLUÇÃO

E todo amor do mundo é o que mais quero  
E é este o meu ofertório  
Porque todo amor é obtuso e  
Porque todo amor é etéreo!

WAGNER MOREIRA

C O R P A F E T O

o horizonte é o mundo  
que nos atravessa  
a dor de muitos  
a dor de um

o coração padece  
em trágico silêncio

as multidões passam  
ao som do lamento

-----

é tempo das ruas mais vazias  
a morte espreita o ar  
espreita todo lugar

a luz das luas descansam os passantes  
são muitos      inumeráveis      por demais

dor não se comunica  
choram os que ficam

em multidões os passantes  
dizem algo importante

é preciso estar atento e forte

e não temer os amantes da morte  
é preciso estar atento e forte  
amanhecer outra sorte

o horizonte nos atravessa  
o mundo a girar

— — —

na boca (por entre os dentes)  
a alegria sopra uma flor

as mãos bailam o ar  
para fazer o belo  
enquanto a vida passa  
em separado – flagelo  
no incômodo ambiente  
songs and poems for solo cello  
apresenta a cor do som  
os olhos fechados ouvem  
o tempo se movendo  
um frio abissal passeia as vísceras  
o ar caminha leve os pulmões  
fios de pelo branco crescem devagar tocando-se  
existir demora um universo  
que rola dos olhos até ao rés do chão  
para fazer o belo  
as mãos bailam o ar

o casario luz do sol fim de tarde  
o azul recortado serra do curral  
a buzina algodão doce amendoim faz paisagem  
a serra elétrica denuncia o trabalho  
os cães ladram porque o ar existe  
as pombas planam pouso  
o casal gaviões dança o ar patas unidas  
os sinos são bento bailam as cinco e quinze  
o sol aumenta volume casario montanha  
as aves de rapina mergulham mãos dadas céu de amor  
giro espiralado vertiginoso ao rés das copas verdes

aqui no chão o sorriso de olhos  
diz boca nariz de filtro  
o ar de lá mal chega aos corações  
que pulsam o amor rapina  
no mergulho de existir

um grão de alegria pela poesia  
mesmo na melancolia do momento  
porque é preciso alimentar o fogo  
com o risco da palavra – um andamento  
contentamento a vir das cordas  
mencio encantado de vento

um grão de alegria pela poesia  
mesmo no sofrimento coletivo  
porque é preciso levantar o dia  
com a energia que já não há  
inspirar inflando a brasa  
fazer o sol em nós brilhar

um grão de alegria pela poesia  
mesmo no esgotamento mensurado  
porque é preciso realçar o ânimo  
com a fome de algo olvidado  
a molhar a boca silenciosa  
o pão sem nome desejado

um grão de alegria pela poesia  
mesmo no soturno agora do existir  
porque é preciso seguir o caminho  
com a gana de quem atravessa o rio  
alcançar a margem de terra  
com o júbilo do duro correntio

um grão de alegria pela poesia  
melancólico sofrido esgotado soturno  
tudo a girar o mundo obscuro  
chão fértil para o passo porvir  
corpo evocado a abrir-se dia  
flor solar a instruir a vida

testando testando  
um dois três  
çcamilo tá ouvindo  
jojo was a man who thought he was a loner  
but he knew it wouldn't last  
jojo left his home in tucson arizona  
for some california grass  
çtá bom aí  
e o sorriso aberto no espaço se deixa ver inteiro  
e o positivo elevado no ar aponta o valor dado  
o durar da amizade na própria existência  
um sentimento uma política que tende para o plural  
um grupo que não para de crescer  
desubjetivado enlouquecido  
a partilhar a poesia com todos que querem ouvir  
com todos que querem ser em si  
o afeto poético como rede em ligação desdobrada  
um coletivo em contágio aberto indiscriminado  
a dar um mundo de alegria como a prova dos nove  
he say I know you you know me  
one thing I can tell you is

you got to be free  
come together right now  
over me

caminho na memória a possibilidade de diálogo  
suspenso o passo o poeta gora fala de si expansivo  
condição amorosa que sulca palavra a palavra  
luz a clarear risonha a vivência comum do presente  
saudade que afirma a presença saudável feliz  
pensamento no ato de viver o verso em tudo  
o gesto silencioso da mão  
uma proximidade que ressoa como escrita  
o coração bate por aí afora  
a poesia pulsa aqui no instante  
um dois três  
testando testando

WEMERSON FELIPE GOMES

C O R P A F E T O

## CREDO

WEMERSON FELIPE GOMES

---

Será preciso, nesta  
hora a sós, prescindir  
também de nós?

Será preciso, nesta  
casa morta, declarar  
terra ignota?

Será preciso, neste  
tempo escuro, preterir  
novo futuro?

Será preciso, neste  
chão de barro, escarrar  
nosso pecado?

Serão precisos  
anjos endoidecidos  
pedindo o perdido perdão?

Será preciso  
calma e silêncio

Será preciso  
pedra sobre pedra

Será preciso  
mãos firmes  
e fortes

Será preciso  
que finquemos  
na vida

a certeza  
improvável  
dos dias melhores

## SOBRE RESISTIR EM TEMPOS SOMBRIOS

P/ A. GARCIA

WEMERSON FELIPE GOMES

---

Eu fico pensando  
no que querem que  
não façamos, e faço!

E faço sem medo,  
porque são contra o amor

E quando nos quiserem calados

(em todas as vezes  
em que a estupidez  
não os bastar de todo)

gritaremos unidos  
pelas frestas das  
mordaças

e nossa voz  
será para eles  
como a última  
trombeta:

a que anuncia  
a redenção

## MANIFESTO SAUDADE

P/ TAMIRES

WEMERSON FELIPE GOMES

---

Um dia desses,  
em um dos vagões  
da vida,  
nos encontramos

e sonhamos os  
mesmos sonhos

e vertemos as  
mesmas lágrimas

e sorrimos da mesma  
piada  
(sem graça)  
que inventamos do nada

E descobrimos,  
juntos,  
que amigo é quem ri  
e se desespera  
com o desespero do outro

Amigo é quem diz que a vida é uma bosta,  
mas que vale a pena

e que os homens não  
são mais que sacos  
de merda e urina

Amigo é quem xinga  
e abraça,  
a um só tempo;

é quem se aproxima  
e se afasta  
no momento  
oportuno,

sem deixar que a presença  
sufoque  
e a ausência  
destrua

a fina camada que estrutura  
os laços  
e que acerta os passos  
dos que caminham ladeado

## TRISTES DIAS

P/ MARINA

WEMERSON FELIPE GOMES

---

Triste dia,  
o dia,  
em que não te vejo

O dia em que  
não sinto tuas  
mãos  
sobre as minhas  
e nem teus  
lábios  
sobre os meus

Triste dia,  
este,  
de hoje e agora,  
em que não te tenho  
por perto  
nem posso desenhar  
em teu corpo  
as sombras de um corpo  
que é o meu

Tristes dias,  
todos,  
os que me faltam o pão,  
o mel, a seiva da vida

a voz que me escuta  
e me sonda

o sorriso que me enleva  
e me encanta

o olhar que me tira  
do rumo  
e me espanta de tudo

(como sol  
depois da chuva  
de outubro)

Tristes,  
todos os dias,  
antes do amanhã  
em que te verei

## SOL ENTARDECENTE

WEMERSON FELIPE GOMES

---

Tu viste,  
amor,  
o sol,  
indecente,  
a brilhar  
no céu  
entardecente?

Tu o viste  
quedando  
no horizonte;

confundindo-se  
em cores  
com a lua e  
com a noite;

entrevando-se,  
ligeiro,  
no céu noturno,  
carente  
de estrelas?

Perdeste o poente,  
amor?  
Que poente perdeste

(era noite,

e sol,  
compungido,  
fingiu-se lua  
no arrebol)

Um poema bastará?  
Bastarão palavras,  
encravadas na página  
em branco?

Ou se perderá  
também este momento:

átimo de tempo  
no rio do esquecimento

Outros crepúsculos virão,  
fikai certos,  
talvez mais belos

Mais belos,  
talvez

Bastará  
o poema,  
o poeta,  
o papel?

Bastará  
o verso  
de sempre:  
fraco,  
miúdo,  
sem jeito?

Ou se  
perderão  
algures,  
mediócles,  
na sombra  
amorfa  
dos dias  
tristes

Outros  
poetas  
tentarão,  
todavia  
ainda  
em vão,

findar  
em arte  
o sonoite

Este  
ocaso,  
porém,  
perdeu-se  
feito bruma  
em eternidade

WESLEY LANCUNA

C O R P A F E T O

Hoje eu esbarrei com quilômetros de distância,  
Toquei lembranças,  
Consultei minha sorte em minhas andanças.

Hoje eu recebi peito adentro outra rajada,  
Não disse mais nada.

Briguei com as dimensões,  
Escarnei a luz por demorar tanto a chegar na terra,  
E o pensamento me dilacerar instantaneamente.  
Em oito minutos há quantos intervalos de instante?  
O dicionário me confunde com significações de perigo, desejo e urgência.  
Chego a conclusão que por isso minha alma consegue sentir sua presença.

Agora entendo aquela caminhada no gelo,  
Sua mão no espelho...

Podem encontrar remédio para meus pensamentos,  
Mas onde se encontra o espaço de um pensamento?  
Foi lá que eu te abracei.  
Aonde se encontra velocidade mais rápida que a luz?  
Foi lá que nós dois dançamos, quando você correu até mim e quando eu corri até você.  
Nada faz sentido ainda assim é tudo real, somos vidas em um plano atemporo-espacial.

## FRAGMENTOS SOLTOS

WESLEY LANCUNA

---

Encaro o papel, mas não o espelho,  
Penso no que escrevo,  
Descrevo lástimas de um carrossel.

Minh'alma suplica a toda minha sorte,  
Que antes da minha morte,  
Encontre a calma, da sua gêmea alma, do outro norte.

Perdido no tempo e no espaço,  
Á procura do seu abraço,  
Vou me construindo de fragmentos,  
Vários espaçados que me deixaram no tempo.

Não sou atemporal,  
Minha máquina é mais rápida que a luz,  
Alcanço o outro lado do mundo num pensamento.

É difícil compreender a fase em que me encaixo,  
Sou todo pensamento,  
Escorro sentimento,  
Mas preciso ser sólido para continuar o próximo passo.

Revisitam-me os fantasmas da incerteza,  
Intercalam-se com espasmos,  
Em uma clara visão da frieza,  
A beleza que me encontra numa paisagem congelada.

Incompreendido por quem está ao lado,  
Mas é que não havia relatado,  
Sou a média das cinco pessoas que mais convivo,  
E nesses tempos que tenho vivido,  
Talvez minhas personificações tenham escondido,  
Quem constantemente meu pensamento tem visitado.

Tento compreender de fato o que sinto,  
E porque tens poder de tocar minha'lma,  
Me desperta um pensamento, talvez por um instinto,  
Inescapável, inexplicável seu amor o trauma.

Em meio a muitos gritos de que não temos tempo,  
Entrego ao vento, no alto de uma montanha aqueles momentos,  
Que ainda não vivemos,  
Sem te ver, tenho certeza que nos conhecemos.

Trêmulo me sinto ao perceber sua presença,  
Me circunda como corrente de ar, me abraça,  
I've Got You Under My Skin,  
Por te querer por perto, tolo faz de mim.

Imerso nessas palavras,  
Mergulho no oceano que existia entre nós,  
Essa apneia cria uma ponte ao após.

Sem mais contatos, me conecto mais em mim,  
Revejo os fatos e nossa escolha do fim,  
Não assim como antagonistas,  
Respeitamos as 3 dimensões que nos distam,  
Digo então que te encontro na 4ª dimensão,  
Onde só enxerga-se o sentimento.

Com esperança te encontro no (tempo).



U M M A P A P O É T I C O  
E M  
C O R P A F E T O

Pensar uma antologia poética sempre é algo complexo, pois evoca uma série de critérios que circulam no meio sociocultural e se dirige para uma expressão política que instaura um agenciamento no qual aparecem, por exemplo, o sensível, a voz, o ato criativo, a força dada pela palavra e pela imagem. Pensar esta antologia a partir do desejo de jovens poetas, associados a uma voz um pouco mais experiente, para provocar um diálogo com outros pares que ocupam um espaço afetivo dado pela inteligência, é algo desafiador e encantador por si.

Assim nasce o projeto poético *Não nos afastemos muito, escrevamos*. A proposta surge de uma demanda de discentes do Curso de Letras – Tecnologias de Edição e está vinculada à LED – Editora-laboratório pertencente ao mesmo Curso. O seu primeiro objetivo é contribuir com a comunidade cefetiana ao se estabelecer um espaço no qual se possa provocar o convívio criativo que responda ao evento da pandemia de covid-19, acontecimento assolador do planeta. Contribuição esta que pressupõe o ato criativo e a recepção da coletânea, portanto, o ato receptivo, ambos a reforçar uma duração plástica do existir, como nos lembra Nietzsche: “[...] força que permite alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstruir por si próprio as forças destruídas.” (NIETZSCHE, 2005, p. 73).

Ao trilhar esse caminho que pressupõe o conhecimento do outro, esta reunião poética afirma a sua condição de diferença enquanto modelagem de um corpo social que se estabelece ao se apresentar enquanto intensidade. Aqui, o sensível é experimentado no percurso que se faz poético no estabelecimento da coletividade artística, cuja expressão é a poesia. Esse corpo que se dá a ver se caracteriza como heterogêneo, uma vez que é composto por poetas com livros publicados e outros inéditos nesse formato; pelo trato variado e singular da

linguagem, o que evidencia a riqueza de composição dos textos; pelo percurso pessoal indicador de uma vivência poética e de existir mostradas pelos textos; pela idade que manifesta uma sabedoria prática de linguagem heterogênea, afirmando que todas e todos têm o que dizer em devir que se materializa nesse encontro de poetas. Tudo isso sem abrir mão das diferenças sociais, culturais, filosóficas e políticas. Desse modo, afirma-se como um valor artístico a experiência singular de cada pessoa que se comprometeu com a realização deste projeto.

Para desenvolver o projeto com essas características anteriormente apresentadas foi necessário estabelecer uma série de parâmetros e práticas. Nesse sentido, nossas reuniões serviram para apontar o público alvo – pensado como todas as pessoas que têm uma relação de afeto com o CEFET-MG e que atuaram nele em algum momento de sua vida – e a elaboração da chamada; bem como a divulgação em todos os *campi* da instituição. É preciso destacar o apoio da SECOM nessa tarefa. Em seguida, deram-se os movimentos de costume, quais sejam, criação de formulário digital para receber as submissões de textos e dados dos participantes; recebimento e seleção dos poemas apresentados ao projeto; divulgação do resultado aferido. Ainda deve-se chamar a atenção para o fato de se ter ciência sobre o alcance da chamada, pois, sabe-se que há mais poetas na condição de participar dessa antologia. Sabe-se também que a vida é feita de escolhas e de momentos delicados. Sabe-se que por mais que a rede de computadores divulgue as informações com eficiência e quantidade enorme a recepção nem sempre corresponde a essa oferta. Por isso a noção de mapa nos é cara e necessária uma vez que ela abre a possibilidade para a construção de um espaço movente que apresenta certo perfil poético de um dado momento. Chegou-se a 49 poetas que nos convidam a uma fruição a partir de suas escrituras.

Por outra via, para aqueles que trabalharam nesse projeto, incluindo aqui as pessoas que se somaram ao grupo primeiro para desenvolver os aspectos de estabelecimento dos textos e de diagramação do livro, deve-se chamar a atenção para a oportunidade de se vivenciar o processo editorial como um exercício coletivo. Essa oportunidade única de se poder trabalhar com dezenas de escritoras e escritores para se articular o objeto livro auxiliou no conjunto de técnicas que per-

mitiram estruturar essa obra. Isso exigiu dedicação, criatividade, valorização ao olhar e à experiência do outro, para que se pudesse chegar ao resultado que ora se vê: um livro com duas versões digitais baseado no desejo movido pela pluralidade de vozes.

Ao longo desse processo editorial, julgou-se necessário a criação de página no Instagram (@naonosafastemos.cefetmg), no Facebook (<https://www.facebook.com/naonosafastemos.cefetmg>) e no YouTube (<https://www.youtube.com/channel/UCa-bj3ZbLx8479EoP-FYN5nA>) para a divulgação do projeto; e também para a divulgação de videopoemas dos autores selecionados nos canais digitais criados. Percebe-se que o processo editorial em nossa atualidade vai além da dedicação necessária para se dar a ver o livro. Ele agrega um número maior de ações que contribuem para a construção do valor de uma obra, afetando a sua circulação, a sua recepção e o seu entendimento enquanto resposta social, cultural e política.

Corroborando essa visada, deve-se destacar o processo de navegação interativa em *corpAfeto*. A dinâmica de navegação no miolo do livro funciona através de hiperlinks presentes em textos específicos, que levam o leitor de um lado a outro do livro de maneira ágil, permitindo, em uma leitura digital, um fluxo de navegação mais prática, sabendo que o livro possui mais de 300 páginas:

- As páginas que introduzem os autores, e que tem papel de transição entre essas seções textuais, possuem hiperlinks nos nomes dos autores e que, ao serem clicados (seja por mouse ou por telas *touch*) levam à página de biografia do respectivo autor ou autora em seção ao final do miolo;
- Na seção de biografias, abaixo na página (ora mais à direita, ora mais à esquerda) de um autor ou autora existe a letra “S” que é um hiperlink que levará o leitor à página do sumário correspondente à página em que o autor ou autora aparece;
- Nas páginas do sumário existem três categorias de hiperlinks:
  1. Nomes dos autores – hiperlinks que levam à página de biografia do autor(a);
  2. Nome dos poemas – leva à seção textual respectiva ao poema;

3. Número de páginas – também leva à seção textual respectiva ao poema indicado pela numeração.
- Em toda as páginas de poemas, sejam as verticais ou as horizontais, existe também um “S” ao lado da numeração de página que funciona como hiperlink que, ao ser clicado, levará o leitor à página correspondente daquele autor(a) no sumário;
  - Na seção textual do autor Marlon Fabian os poemas “Para ouvir soar” e “Do ritmo ao desassossego” possuem um *QR Code* em sua última página. Cada *QR Code* também é um hiperlink, mas hiperlinks externos, que levam o leitor ao navegador definido como padrão, abrindo no YouTube vídeo produzido pelo autor para o respectivo poema;
  - Na seção de biografias abaixo da descrição de cada autor ou autora existe através do e-mail um link de contato para respectivo autor(a). Ao clicar o leitor será levado para alguma maneira de contatar o autor ou autora, seja por navegador ou aplicativo de e-mail instalado.

Por fim, agradecemos a todas e todos poetas que se dispuseram a participar desse projeto e esperamos ter correspondido às expectativas de uma publicação coletiva baseada no caráter do sentimento de adesão à arte e de modificação daquele que experimenta a vida e a poesia como movimentos singulares do existir.

*Os integrantes do projeto.  
Primavera de 2021.*

#### Referência

NIETZSCHE, Friedrich. II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. IN: NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre história. Trad. Noeli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 67-178.

P O E T A S  
C O R P A F E T O



ADRIANA VERSIANI

É poeta. Tem diversos livros de poemas publicados, dentre eles: A Física dos Beatles (2005), Conto dos Dias (2007), Livro de Papel (2009), A Lâmina que matou meu pai (2012), Três pedras(2014), Arqueologia da calçada e Farmacopeuma (2018). Integrou o Grupo Dazibao de Divinópolis/Belo Horizonte. Foi co-organizadora da Coleção Poesia Orbital e do Jornal Inferno. Fez parte do conselho editorial da Revista de Literatura. Ato. Foi editora do Jornal DEZFACES.

driarroba@gmail.com



ALBA DURÃES

Nasci em um pequenino chão de terra batida. As primeiras letras me chegaram pelas mãos calosas da enxada e o aroma de cafezal em flor. Livros inteiros vieram sob goiabeiras, laranjeiras e mangueiras. Mais tarde, a primeira biblioteca de cidadezinha me encantou os olhos. Estes mesmos olhos verteram lágrimas na Biblioteca Joanina. Agora os olhos são outros: não cabem mais em lugar algum, pois grande é o mundo, larga é a estrada e infundável é a busca. É com esse currículo que escolhi me tornar professora de Literatura do CEFET-MG. Atuo no campus Divinópolis, cidade onde resido há 18 anos e onde ser cefetiana é de dar orgulho a papai e mamãe se estivessem vivos e entendessem a grandiosidade do meu trabalho. Grisalheci e, mantenho em mim toda, a meninice da roça.

[alba.duraes@hotmail.com](mailto:alba.duraes@hotmail.com)



ALÍCIA TEODORO

Alícia nasceu em março de 1993 e mora na cidade de Ibirité-MG. É graduanda no curso de Letras no CEFET-MG, Campus I. Participou da antologia de contos *Escreva como uma mulher* (2020), organizada por Ana Elisa Ribeiro e publicada pela Editora LED do CEFET-MG. Despertou-se no mundo poético no qual vivencia novas sensações através da poesia. É fã da série Harry Potter e apaixonada por fotografia.

[aliciateodoro9@gmail.com](mailto:aliciateodoro9@gmail.com)

ALZIRA ALICE SOUZA

Divorciada, mãe de dois filhos, nascida em Belo Horizonte, hoje consultora em Gestão Financeira, graduada em Economia, Administração e Ciências Contábeis, desenvolveu vida profissional em empresas privadas mineiras, especializando-se em Controladoria e Finanças.

[alziraalice21@gmail.com](mailto:alziraalice21@gmail.com)



ANA CLARA MOLINA  
RAMOS

Sou a Ana Clara Molina Ramos, ex-aluna do curso técnico em no CEFET-MG Campus Varginha entre os anos de 2017 e 2019. Atualmente, faço Letras na UFMG.

[anaclara2013molinaramos@gmail.com](mailto:anaclara2013molinaramos@gmail.com)



ANA ELISA RIBEIRO

Ana Elisa Ribeiro é autora de livros de poesia, conto, crônica e infantojuvenis. É doutora em estudos linguísticos e professora titular do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua na pós-graduação, na graduação e no ensino médio. É formada em Letras/Português pela UFMG. Seus livros mais recentes são *Álbum* (Relicário, 2018) e *Dicionário de Imprecisões* (Impressões de Minas, 2019, finalista do Prêmio Jabuti 2020).

[anadigital@gmail.com](mailto:anadigital@gmail.com)



ANA LUÍSA ALBUQUERQUE

Às vezes Ana, às vezes Anicca. Adoro ler poesia e escrevo por hobby. Não sou muito fã de títulos, mas adoro um ponto final. Atualmente, faço a graduação em Letras pelo CEFET-MG, campus I. Também cursei o técnico em Mecatrônica em 2011. De lá para cá, muita coisa mudou, mas só tenho a agradecer pelas oportunidades, tudo o que aprendi e pessoas que conheci nesse lugar.

[analuisa.alb@gmail.com](mailto:analuisa.alb@gmail.com)



ANA PAULA DACOTA

Ana Paula Dacota nasceu em 1974 em Belo Horizonte (MG). É Mestranda em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG (linha IV, Estudos em Edição). É Bacharela em Letras também pelo CEFET-MG. Pesquisa pequenas editoras, edição e literatura. Foi colunista no Jornal Boca da Mata (Carmo de Cajuru – MG, de 2012 a 2014). Possui trabalhos publicados no Suplemento Literário de Minas Gerais (2018/2019), participou da Revista Chama nº2 (2019); da coletânea de poemas e fotos “Imagens Literárias: existem direitos humanos na minha cidade? ”, pela Editora do CEFET-MG (2019). Publicou o livro *Perfume atrás da orelha*, selo Alma de Gato, pela Editora Scriptum, (2019), participou da antologia “Elas, as mãos, o infinito” editado pela Páginas Editora com o coletivo Mulherio das Letras (2020). Seus poemas e ensaios têm sido publicados em revistas eletrônicas, como a Ruído Manifesto, Habitat e Mallarmagens.

[anpaco@gmail.com](mailto:anpaco@gmail.com)



ANDRÉIA OLIVEIRA

Andréia Oliveira nasceu em Abaeté, Minas Gerais. É Mestre e Doutoranda em Linguagens (CEFET-MG). Amante da poesia desde tenra idade. Não é poeta, mas aprecia talhar a palavra, aparar suas arestas e transformá-la em versos.

[astoliveira@gmail.com](mailto:astoliveira@gmail.com)

BEATRIZ APARECIDA

Beatriz tem 17 anos de idade e nasceu em São Paulo, mas tem uma conexão e amor muito fortes por Minas Gerais e sua cultura. Se expressa por e pela arte.

[beatrizcastro301202@gmail.com](mailto:beatrizcastro301202@gmail.com)



BERNARDO FALCÃO

No dia 23 de Setembro de 1986 nascia no Rio de Janeiro/RJ o filho de Beatriz Nogueira de Faria e Carlos Alberto Corrêa Falcão; não quiseram saber o sexo do bebê, por isso escolheram dois nomes: Bárbara e Bernardo. Tornou-se uma eterna criança que brinca de ser adulto.

[bfalcao@cefetmg.br](mailto:bfalcao@cefetmg.br)



CAMILA DIÓ

Camila Dió é Mineira, estudante de letras do CEFET-MG e é formada em artes visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tão pronto começou a ler, se enveredou pelos caminhos da escrita. É autora do livro: *Não escrevo poemas de amor*, lançado pela editora Penalux em 2020.

[camila.dio.poemas@gmail.com](mailto:camila.dio.poemas@gmail.com)



CAROLINA SILVA

Sou uma leitora voraz e artista amadora nas horas vagas. Tento me dedicar ao maior número possível de tipos artísticos, mesmo não sendo boa em todos. Atualmente curso filosofia e sonho com o que me aguarda no futuro.

[caroldalferro@gmail.com](mailto:caroldalferro@gmail.com)



DALVA SILVEIRA

Dalva Silveira nasceu em Belo Horizonte/MG. Doutora e Mestre em Ciências Sociais. Graduada em História. Servidora do CEFET-MG. Escritora e poetisa.

[dalvasilveira2016@gmail.com](mailto:dalvasilveira2016@gmail.com)



DENILSON SILVA

Professor do Departamento de História do CEFET-MG. Licenciado e bacharel em História pela UFSJ. Mestre em História Social pela UFF. Doutorando em História e Culturas Políticas pela UFMG. Autor de “O drama social da abolição” (Ed. Prismas, 2016) e de “Perguntas da História (poemas)” (Ed. Labrador, 2018).

[denicult@hotmail.com](mailto:denicult@hotmail.com)



EDILAINE DE TOLEDO

Professora do CEFET-MG, em Varginha, onde reside há 37 anos. Natural de São José dos Campos – SP, tem com a escrita, em prosa e verso, uma parceria diária, intensa e prazerosa, que materializa sua imaginação, reflexão e percepções sobre a realidade.

[edigonfer@gmail.com](mailto:edigonfer@gmail.com)



FRANCISCO VIEIRA

Minha relação com o CEFET-MG começa em 2003 quando ingressei no curso Técnico de Eletrônica. Em 2008 retorno a escola para iniciar o curso Técnico de Química. Nesses seis anos aprendi admirar, respeitar e valorizar a linda história da escola, os professores e os funcionários. Essa intensa convivência despertou e criou novas oportunidades. Diante disso, em 2012 retorno a escola novamente para iniciar o curso de Engenharia de Materiais. Agora são mais cinco anos de intensa transformação pessoal, cultural e profissional. Depois dessas passagens pelos cursos técnicos e de graduação, em 2018 inicio o curso de Mestrado em Ciência e Engenharia de Materiais. Lá se vão 13 anos de intensa transformação, neste sentido, posso dizer com muito orgulho que sou um Cefetiano que respeita, valoriza e admira todos os docentes, funcionários, discentes e colaboradores que fazem parte dos 111 anos de história do CEFET-MG.

[francisco.cefetmg@gmail.com](mailto:francisco.cefetmg@gmail.com)



GIOVANNA LECCA

Nascida no dia 06 de abril de 2004, na cidade de Varginha, em Minas Gerais, sempre fui uma menina tímida que prefere se expressar através da escrita.

[gilecca04@gmail.com](mailto:gilecca04@gmail.com)



GRAZIELLE BAMBIRRA

Belorizontina, 27 anos, graduanda em Letras – Tecnologias de Edição. Desde pequena descobri que me expresso melhor escrevendo. Faço poemas desde que aprendi que eles existem, sempre amei brincar com os significados e as sonoridades que as palavras possuem.

[grazi.bam@gmail.com](mailto:grazi.bam@gmail.com)

## GUILHERME BORGES

Guilherme Borges é cantor, compositor e escritor natural de Belo Horizonte. Teve o primeiro texto publicado aos 3 anos de idade, em um jornal voltado para o público infantil. Ganhou diversos prêmios no I Concurso Cultural do CEFET-MG, categoria poesia. Graduou-se em Letras pela UFMG. Após uma viagem a Irlanda, passou a compor canções e iniciou a vida artística. Atualmente integra grupos de blues e jazz com os quais toca nas noites e vem ganhando visibilidade em importantes festivais.

[escrevoguilherme@gmail.com](mailto:escrevoguilherme@gmail.com)

## GUILHERME HURTADO

Guilherme Hurtado nasceu em 1984, na cidade de Belo Horizonte. É graduado em Letras pelo CEFET-MG e leciona Língua Portuguesa e Redação na rede privada de ensino. Autor de contos, poemas, histórias infantis e aldravias, Guilherme procura relatar, por meio de suas composições, as aflições que permeiam o comportamento humano. Com versos, o poeta descreve os sentimentos dos grandes centros e poetiza o ser comum. Em 2019, publicou o livro “Pé de Jabuticaba” pela Editora Crivo. Guilherme é Membro Efetivo da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas.

[guidavilah@hotmail.com](mailto:guidavilah@hotmail.com)



INGEMAR GLUBSTRÖM

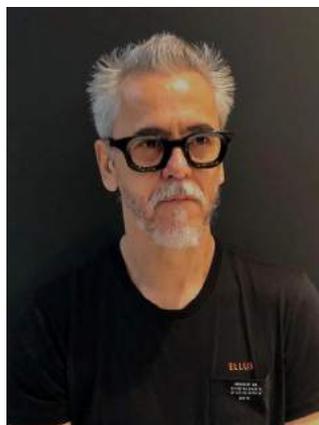
Natural de Mogi Mirim, no estado de São Paulo, terra de passarinho e caipira, admira ambos, em qualquer ordem de importância. Estudou um pouco de Física, um pouco de Matemática.

[ingemarglubstrom@gmail.com](mailto:ingemarglubstrom@gmail.com)



ISA DE OLIVEIRA

Isa de Oliveira é mestre e doutoranda em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG (Campus 1), revisora, resenhista e crítica, produtora de conteúdo do bookstagram @corujadasletras, poeta e escritora, autora de *Intermitências* (Crivo Editorial, 2019). Natural de Contagem – MG, servidora pública estadual, formada em administração pública, possui pós-graduações em linguística (UGF), comunicação: imagens e culturas midiáticas (UFMG) e gestão cultural (SENAC). Atualmente pesquisa processos editoriais de Histórias em Quadrinhos, possui capacitação em Editor de HQ e Editor de Livros pela Casa Educação – SP. Colabora com diversos canais literários como os sites Universo HQ e LiteraturaBR, já colaborou para a revista virtual *Voz da Literatura* e atualmente colabora com textos sobre leitura, livros, literatura e cultura local para o Portal Nova Contagem.



JOÃO BATISTA SANTIAGO  
SOBRINHO

Professor de literatura, poeta, ensaísta, romancista e  
filósofo por deslizamento.

[joaliter@hotmail.com](mailto:joaliter@hotmail.com)



JULIANA PACHECO

Técnica Administrativa do CEFET desde 2006, atualmente sou Chefe do Departamento de Arte, Design e Tecnologia e Coordeno o Programa de Extensão “A escrita de Si como instrumento de visibilidade para os terceirizados do CEFET-MG”. Sou Terapeuta Ocupacional de formação e atualmente mestranda em Educação Tecnológica, ao longo de minha experiência profissional estive envolvida em várias áreas do conhecimento e sou Co-fundadora e curadora da Roda BH de Poesia, gestora da Confraria do Livro BH.

[julianapacheco@cefetmg.br](mailto:julianapacheco@cefetmg.br)

JULIO ABREU

Julio Abreu é formado em Letras e Design Gráfico. Fez doutorado no CEFET-MG com tese sobre a poesia de Augusto de Campos. Publicou Jogo das horas (2015) e Dentro da faixa (2017). Dirige, com Leonora Weissmann, a Jiló Design.

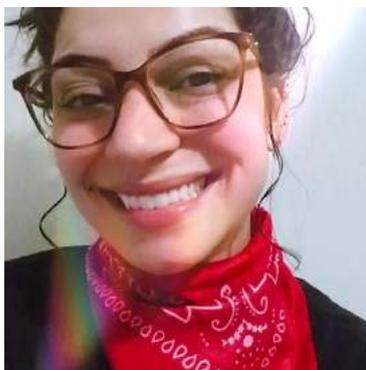
[julioabreu1@gmail.com](mailto:julioabreu1@gmail.com)



LEONARDO MORAIS

Leonardo Morais nasceu em São Paulo (1975). É professor de literatura e línguas. Mestre e doutorando em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Tem dois livros de poemas publicados: *Colecionando Fraturas*, Editora Patuá, 2017; *Mousse de Napalm*, Editora Scriptum, 2019. Vive em Belo Horizonte.

[leodemorais@gmail.com](mailto:leodemorais@gmail.com)



LORENA FREITAS

Me chamo Lorena, tenho 32 anos, 3 filhos e uma paixão: livros! Após onze anos me dedicando exclusivamente aos filhos, retorno aos estudos no curso de Letras no CEFET. Cursando o terceiro período, me sinto desafiada a cada dia. Nasci em Belo Horizonte no dia 06 de Junho de 1988. Geminiana raiz, me arrisco em várias áreas, uma dela é a escrita.

[lorenasatierf@gmail.com](mailto:lorenasatierf@gmail.com)



LÚCIO FERNANDES LEMOS

Tenho 32 anos, sou formado em Teologia (FATE), Psicanálise (FAMET), Logística (UNA) e fiz 1 ano de Letras (CEFET). Sou escritor e dramaturgo nas horas vagas.

[luciolemos2008@hotmail.com](mailto:luciolemos2008@hotmail.com)

MARCELA LEONEL MEMBRIVE

Marcela Membrive nasceu em 2004, em Minas Gerais, onde vive com seus dois irmãos e sua mãe. Sempre foi muito ligada ao esporte e a todo tipo de arte.

[marcelamembrive@gmail.com](mailto:marcelamembrive@gmail.com)



MARINA GOMES

Marina Luiza Gomes Clemente, nascida e criada no Centro Histórico de Sabará, graduanda em Letras – Tecnologias da Edição, no Campus I do CEFET-MG, 21 anos e uma mala cheia de memórias. A intimidade com a escrita me motivou a criar um projeto no Instagram, a Margeal, lá eu compartilho textos autorais, textos de amigos, encontro ilustrações que conversem com eles, faço declamações e crio quadros para me conectar com os seguidores, é um espaço muito rico de troca e apreciações artísticas. A escrita é minha companhia e me aproxima de mim.

[marina.gomes.cle@gmail.com](mailto:marina.gomes.cle@gmail.com)



MARINA RIBEIRO MATTAR

Poeta e pesquisadora. Publicou uma trilogia poética nos últimos três anos. Seu último livro “Peças avulsas num jogo de tabuleiro” sairá pela Editora Urutau, ainda em 2020.

[marina.rmattar@gmail.com](mailto:marina.rmattar@gmail.com)



MÁRIO ALEX ROSA

Mário Alex Rosa – Formado em História (UFOP), mestre e doutor em Literatura Brasileira pela USP. Foi curador do FELIT (Festival de literatura de São João del-Rei). Atuou como Coordenador de Biblioteca e literatura no SESC – MG. Atua como professor de Literatura Brasileira. É autor dos livros: ABC futebol clube, Ed. Aletria, 2015 (Infantil), Formigas, Cosac Naify, 2013 (Infantil), Ouro Preto – poemas, Ed. Scriptum, 2012, Via Férrea, Ed. Cosac Naify, 2013 e Poemas Pitorescos, Galileu Edições, 2020. Editor na Editora Scriptum – BH. cursou pós-doutorado no CEFET-MG, na área de Edição.

[marioalexrosa14@gmail.com](mailto:marioalexrosa14@gmail.com)



MARLON FABIAN

Marlon Fabian é poeta e performer. Mestrando pelo PPG em Estudos de Linguagem do CEFET-MG. Desenvolve trabalhos relacionados com corpo e poesia. Busca a partir de experiências com outras artes, como performance, dança e teatro, compreender as manifestações poéticas em uma perspectiva de interartes e de campo ampliado, em que seja possível discutir a presença da poesia em outras modalidades artísticas. Atua no cenário cultural com seus trabalhos de poesia corporal intitulados de Ações Poético-Corpórea.

[marlon.f.machado@hotmail.com](mailto:marlon.f.machado@hotmail.com)

MATHEUS NATALE

Amante do que não se diz falando e do que se diz calando. Perscruto a complexidade das coisas simples. Discente do 7º período do bacharelado em Letras – Tecnologias da Edição, no Campus Nova Suiça e estagiário na Diretoria do Campus Gameleira.

[matheus-natale@hotmail.com](mailto:matheus-natale@hotmail.com)



MAURÍLIO ALVES

Professor de Computação do Campus de Timóteo, pai de 2 filhos e casado com uma mulher maravilhosa. Nascido e vivido em Santa Bárbara, crescido e desenvolvido no mundo. Já morei em tantos lugares que nem me lembro mais.

[maurilioamc@gmail.com](mailto:maurilioamc@gmail.com)



MICHAEL FERREIRA

Alguém que não tem a pretensão de ser poeta e muito menos a de não sê-lo. Professor de Matemática na unidade de Varginha que usa a poesia para dar vazão a reflexões e sensibilidades, além de se divertir com um quase exercício de raciocínio lógico de brincar com as palavras.

[mike.cefet@gmail.com](mailto:mike.cefet@gmail.com)



NÁDIA PAIVA

Tenho graduação na área educacional. Gosto de todas as artes (ou quase todas) e escrevo por gostar.

[nadiapaiva85@gmail.com](mailto:nadiapaiva85@gmail.com)

OLGA VALESKA

Olga Valeska nasceu em São Paulo, mas vive em Belo Horizonte desde menina. É poeta, ensaísta e dançarina de tango. Possui dois livros de poesia publicados: “Mundose Mutações” e “Mundose Mutações” (poemas visuais). Desde 2008, tem participado de diversas antologias nacionais e internacionais e divulgado o seu trabalho poético e artístico em saraus e eventos de performance. Trabalha como docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no Curso de Letras (Edição) e no Ensino Médio-Técnico (CEFET-MG). Coordena dois grupos de pesquisa: “COMTEC – Corpo, movimento e Tecnologia” e “Discurso, Cultura e Poesia”, onde dedica-se à pesquisa no campo da Poesia Contemporânea, Artes do Corpo e Edição.

ovaleska@yahoo.com.br



PAULO CEZAR

Físico, Mestre em Física Aplicada, Doutor em Ciência da Comunicação e Informação, fui professor do CEFET-MG durante 21 anos. Atuei nos Mestrados em Educação Tecnológica e em Estudos de Linguagem. Publiquei um livro de Poesias (Mistérios de Marte), alguns livros infantis, e um livro acadêmico. Publico poesias, crônicas e microcontos em blogues, antologias e grupos na internet. Tenho 5 livros prontos para serem publicados nos próximos meses. Membro da Academia Novalimense de Letras.

[pcventura@gmail.com](mailto:pcventura@gmail.com)

PEDRO ROSEMBERG

Sou aluno do CEFET-MG no curso bacharelado em Letras – Tecnologias da Edição, gestor de Mídias e Redes Sociais na Faculdade CEDIN, e criador de conteúdo no portal Tecnoveste.

[pedrorosemberg@aol.com](mailto:pedrorosemberg@aol.com)



ROGÉRIO BARBOSA

Professor de Literatura e Edição, poeta de ocasião.  
Co-autor de “boca na palavra, vias do canto” (Impressões  
de Minas, 2019). Coordena o projeto poemas – poesia  
georeferenciada: [www.poemaps.org](http://www.poemaps.org)

[rogeriobsilvacefet@gmail.com](mailto:rogeriobsilvacefet@gmail.com)



STEPHANIE MENDES

Escritora com paixão pelas histórias que as palavras são capazes de criar. Possui fascinação pelo universo mágico que os livros são capazes de proporcionar.

[stephaniemgmendes@gmail.com](mailto:stephaniemgmendes@gmail.com)

TÁBITA NATHÁLIA

Escritora por necessidade, escrever veio para mim como terapia, como desabafo, como análise e reflexão.

Escrever para mim não é uma opção. Mãe, mulher, esposa, amiga, companheira, amante, profissional, confidente entre outras muitas qualificações. Sobre todas elas existe um véu de aceitação que eu só retiro quando escrevo.

[tabita.tati@gmail.com](mailto:tabita.tati@gmail.com)



THIAGO OLIVEIRA

Nasci na Região do Vale do Aço em 2001, sempre estudei em escola pública, gosto muito de ler, entrei no CEFET em 2018. Quando criança gostava de ler enciclopédias Barsa, inclusive eu tinha uma coleção.

[thiago.oliveribe@gmail.com](mailto:thiago.oliveribe@gmail.com)



VINÍCIUS ABREU

Belo-horizontino, taurino e apaixonado pelas palavras. Estudei no CEFET-MG, no Curso Técnico em Meio Ambiente, de 2017 – 2019 e me apaixonei ainda mais pela literatura e pelas letras, sobretudo, por causa dos docentes incríveis que tive de Redação e Literatura (sou imensamente grato a eles). Atualmente, faço Letras na UFMG. Escrevo para me sentir vivo, palavra é como oxigênio, apesar de achar aquilo que escrevo bem médio, não vivo sem as palavras, elas são ilhargas para mim.

[viniciuscassiano007@gmail.com](mailto:viniciuscassiano007@gmail.com)



WGNR

Wagner Moreira, ou como ele assina seus projetos poéticos, wgnr, nasceu em Belo Horizonte. Publicou vários livros de poesia, dentre eles, blues, 2004 (Editora CEFET-MG/SAC-Dazibao); solos, 2015 (Editora Scriptum) e rumor de pétala, 2017 (Edições Alma de Gato); terralegria, 2020 (Impressões de Minas).

[wgnrjs@gmail.com](mailto:wgnrjs@gmail.com)



WEMERSON FELIPE GOMES

Wemerson Felipe Gomes é mestrando em História e Culturas Políticas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); graduado em História no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e graduando em Letras no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Vive entre a História e a Literatura, entre a poesia e a verdade – não sabe dizer onde começa uma e termina a outra.

wemersonfelipe10@gmail.com



WESLEY LANCUNA

Meu nome é Wesley Lancuna, sou Engenheiro Civil e faço mestrado em Modelagem Matemática e Computacional. No CEFET, além de ser um discente participante do colegiado do curso, também tenho orgulho de ter feito parte da fundação da primeira associação dos pós graduandos e pós graduandas do CEFET-MG (APG CEFET-MG), na qual atualmente integro a presidência. A poesia surgiu para mim em 2012, no ano em que perdi meu pai. Ele também escrevia poesias e como terapia minha psicóloga me recomendou que escrevesse para superar essa perda. Desde então escrevo para aliviar minha ansiedade e para trazer um pouco das ideias da minha mente para o papel e para o mundo.

wesleylancuna@yahoo.com.br

S U M Á R I O  
C O R P A F E T O

<b>Adriana Versiani</b>	
Soneto#1 .....	5
Soneto#2 .....	6
Escalpo .....	7
Sonho .....	8
COPASA .....	9
<b>Alba Durães</b>	
Gotícula .....	11
bicho-da-seda .....	12
poesia .....	13
<b>Alícia Teodoro</b>	
Os olhos atentos observam .....	15
Respiro sua ausência .....	16
Ainda bem que temos a poesia .....	17
Dissolvo-me em cada verso .....	18
<b>Alzira Alice Souza</b>	
Vontade .....	20
Poema da Distância .....	21
Mel .....	22
<b>Ana Clara Molina Ramos</b>	
Stop! .....	24
Recomendações .....	25
Epifania da evolução .....	26
Na prisão .....	27
<b>Ana Elisa Ribeiro</b>	
Isolamento .....	29
Lista de desfazeres .....	30
Tradução .....	31
<b>Ana Luísa Albuquerque</b>	
Eu, que sempre me joguei de cabeça .....	33
Chegou manso e foi ganhando espaço ....	34
Poda .....	35

É tudo muito simples .....	36
Remédio dos remédios .....	37
<b>Ana Paula Dacota</b>	
flauta vazia .....	39
poeta anônima .....	40
um copo de claustro .....	41
meu jardim .....	42
@quela nuvem de dados que passa l@ em cima sou eu .....	43
<b>Andréia Oliveira</b>	
21 PRAIRIAL .....	45
Processo .....	46
Tempos cinzentos .....	47
Você .....	48
21 PRAIRIAL II .....	49
<b>Beatriz Aparecida</b>	
pseudo soneto .....	51
(a tristeza nunca foi porta de entrada) ....	52
volta .....	53
chegada .....	54
<b>Bernardo Falcão</b>	
Sobre o Brasil .....	56
Outono .....	57
Esconde-esconde .....	58
<b>Camila Dió</b>	
O banquete .....	60
Pedacim de Minas .....	61
Letras num papel úmido .....	63
Talvez .....	66
Dedo verde .....	68

<b>Carolina Silva</b>	
Reflexos .....	70
Escrever .....	71
Realidade .....	72
<b>Dalva Silveira</b>	
BR ou céu? .....	74
Almoço em casa .....	75
Abrindo o presente .....	76
Corona e nova paisagem .....	77
Coronavírus e viradas .....	78
<b>Denilson Silva</b>	
Sobre a densidade das nuvens .....	80
Causo .....	81
Elo perdido .....	83
Glossário .....	84
Utopia .....	86
<b>Edilaine de Toledo</b>	
Pintura do amanhã .....	88
Imagem .....	89
Ritmo .....	90
Conexões .....	91
<b>Francisco Vieira</b>	
Tempo .....	96
Memórias .....	97
A Praça .....	98
<b>Giovanna Lecca</b>	
O Amor e o Amar .....	100
Brasil em Desespero .....	102
<b>Grazielle Bambilra</b>	
A caixa em cima do armário .....	105
[In]definição .....	108
Fantasia textuais .....	109

Libertação .....	110
Pérolas de marfim .....	111
<b>Guilherme Borges</b>	
Duas estradas .....	113
Navegar, navegar .....	114
Consagrado das cordas .....	115
Um chorinho .....	116
Invocação à cevada .....	117
<b>Guilherme Hurtado</b>	
I. vi-me de pé .....	119
II. a proposta .....	120
III. decidi retirar-me da crônica .....	121
IV. durante caminhada .....	122
<b>Ingemar Glubström</b>	
fragmento 29 .....	124
fragmento .....	125
Velha Senhora .....	126
Litania passarinha .....	127
Ulisses .....	129
<b>Isa de Oliveira</b>	
Isolamento .....	131
Livrerdade .....	132
Revisão .....	134
Livros .....	135
Futuro do Pretérito .....	137
<b>João Batista Santiago Sobrinho</b>	
Nove movimentos .....	139
<b>Juliana Pacheco</b>	
angústia .....	142
nós .....	143
hospital .....	144

**Julio Abreu**

Descarnaval 1 .....	146
Descarnaval 2 .....	147
A ciência da bagaceira .....	148

**Leonardo Morais**

Hipertextos/intertextos .....	150
Reediting leminski .....	151
Oda a los diluyentes .....	152

**Lorena Freitas**

Carambolas .....	154
O sol da meia noite .....	155
O coração .....	156
Luz do dia .....	157
Seus olhos .....	158

**Lúcio Fernandes Lemos**

Verdade não dita .....	160
O caminho .....	161
Simple detalhes .....	162

**Marcela Leonel Membrive**

Eterno .....	164
Sorriso .....	165
Dor .....	166

**Marina Gomes**

encanto de desencontro .....	169
Petrichor .....	170
açúcar ou adoçante? .....	171
a saideira .....	172
frenesi .....	173

**Marina Ribeiro Mattar**

Lembrete .....	175
Cupido .....	176
Descontínuo .....	177
Poema para pais e filhos .....	178

<b>Mário Alex Rosa</b>	
Solidão .....	180
Ubi sunt? .....	181
Outro Exílio .....	182
Invisível .....	183
<b>Marlon Fabian</b>	
nem tudo são flores .....	187
trânsito, trânsito .....	188
para ouvir soar .....	189
do ritmo ao desassossego .....	192
o movimento se transforma no alento necessário .....	195
<b>Matheus Natale</b>	
Vaso sem fundo .....	197
<b>Maurílio Alves</b>	
Lembranças .....	202
Estudante de Outro Preto .....	203
<b>Michael Ferreira</b>	
Marcha das Vadias .....	205
2020 .....	206
Tempo .....	207
Azul .....	208
Rascunho .....	209
<b>Nádia Paiva</b>	
Vestígio .....	211
Nossa prosa .....	212
Espero .....	213
<b>Olga Valeska</b>	
Um dia .....	215
Morte .....	216
Dúvidas no silêncio .....	217

(medo) .....	218
Espera .....	219
<b>Paulo Cezar</b>	
Receita de pão de queijo .....	221
Mãe deveria ser diferente .....	222
Aura .....	223
“A juba é minha, penteio se quiser!” .....	224
Alguns hai-kais do riobaldo .....	225
<b>Pedro Rosemberg</b>	
Flor bizantina .....	228
Vida .....	229
Colostro .....	230
<b>Rogério Barbosa</b>	
A sombra invisível .....	232
Vento de viração I .....	234
Vento de viração II .....	235
Arte poética .....	236
SINDÉDOQUE .....	237
<b>Stephanie Mendes</b>	
Vestígio .....	242
Molho de tomate .....	243
Adeus .....	245
<b>Tábita Nathália</b>	
A Grande Mãe .....	247
Gira Segunda .....	249
Esperança e Resignação .....	250
<b>Thiago Oliveira</b>	
A Pandemia .....	253
T.O.C. T.O.C. ....	254
Separados pelo Invisível .....	255
Amor Platônico .....	256

<b>Vinícius Abreu</b>	
A Rosa Virulenta .....	258
Romance das palavras aéreas .....	259
Todo Amor do Mundo .....	262
<b>Wagner Moreira</b>	
o horizonte é o mundo .....	264
as mãos falam o ar .....	266
o casario luz do sol fim de tarde .....	267
um grão de alegria pela poesia .....	268
testando testando .....	270
<b>Wemerson Felipe Gomes</b>	
Credo .....	273
Sobre resistir em tempos sombrios .....	275
Manifesto saudade .....	276
Tristes dias .....	278
Sol entardecente .....	280
<b>Wesley Lancuna</b>	
Relativismo .....	285
Fragmentos Soltos .....	286
Promise Wait .....	288
<b>Um mapa poético em CORPAFETO</b> .....	291
<b>Poetas</b> .....	296

P Á G I N A S   D E   C R É D I T O S  
C O R P A F E T O

## **Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais — CEFET-MG**

### *Diretor-Geral*

Prof. Flávio Antônio dos Santos

### *Vice-Diretora*

Prof.<sup>a</sup>. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

### *Chefe de Gabinete*

Prof.<sup>a</sup>. Carla Simone Chamon

### *Diretor de Educação Profissional e Tecnológica*

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

### *Diretora de Graduação*

Prof.<sup>a</sup>. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

### *Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação*

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

### *Diretor de Planejamento e Gestão*

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

### *Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário*

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

### *Diretor de Governança e Desenvolvimento Institucional*

Prof. Henrique Elias Borges

### *Diretor de Tecnologia da Informação*

Prof. Gray Faria Moita

## **Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição**

### *Coordenadora*

Prof.<sup>a</sup>. Joelma Rezende Xavier

### *Coordenador Adjunto*

Prof. José de Souza Muniz Jr.



**LED** é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça  
Campus I, sala 344  
Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP 30.421-169  
Telefone: +55 (31) 3319-7140

*Coordenador*

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

*Vice-coordenador*

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

*Comissão Editorial*

Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Ana Elisa Ribeiro  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Elaine Amélia Martins  
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.  
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria do Rosário Alves Pereira  
Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa  
Prof. Dr. Wagner Moreira

*Conselho Editorial*

Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)  
Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)  
Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marília de Araújo Barcellos (UFMS, Brasil)  
Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)



**Projeto “Não nos afastemos muito, escrevamos”**

*Professor Coordenador*

Wagner Moreira

*Organização e Preparação*

Alicia Teodoro da Silva

Camila de Oliveira

Wagner Moreira

Wemerson Felipe Gomes

*Capa*

Alicia Teodoro da Silva

Wagner Moreira

*Projeto Gráfico e Diagramação*

Alicia Teodoro da Silva

Murilo Vale Valente

*Revisão de Texto*

Carla Naiara Gobb Teixeira

Wemerson Felipe Gomes

*Revisão do Projeto Gráfico e da Diagramação*

Alicia Teodoro da Silva

Murilo Vale Valente

Wagner Moreira

---

C822      Corrafeto/ Organizadores: Alicia Teodoro... [et al.] – Belo Horizonte: LED, 2021.

360 p.

ISBN: 978-65-87948-13-3

1. Poesia. 2. Pandemia II. Título.

CDD: 869

---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária  
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

Foram usadas as fontes *EB Garamond*  
e CINZEL. O projeto editorial é de  
estudantes de Letras do CEFET-MG  
e foi finalizado na primavera de 2021.

